



CENTRO DE TECNOLOGIA DA INDÚSTRIA QUÍMICA E TÊXTIL

Faculdade SENAI CETIQT

CURSO de bacharelado em Design de Moda

Rapha Fernandes da Silva

**EDITORIAL DE MODA:
INSPIRADO NAS FESTAS UNDERGROUND**

Rio de janeiro

2025

Rapha Fernandes da Silva

**EDITORIAL DE MODA:
INSPIRADO NAS FESTAS UNDERGROUND**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Design de Moda, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Design de Moda.

Orientadora: Cristiane de Souza dos Santos de Carvalho

Rio de Janeiro

2025

**Dados de catalogação-na-publicação (CIP), conforme Código de
Catalogação Anglo-Americano (AACR)**

Fernandes, Rapha.

S586e Editorial de Moda: Inspirado nas festas underground/ Rapha
Fernandes da Silva – Rio de Janeiro – RJ, 2025.

VIII, 94 f.; 29 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design de
Moda) Faculdade SENAI CETIQT, Rio de Janeiro – RJ, 2025.

Orientadora: Prof. Cristiane de Souza dos Santos de Carvalho.

Inclui referências.

1. Design de Moda. 2. Subculturas. 3. Alternativo. I. Editorial de
Moda. II. Carvalho, Cristiane. III. Faculdade SENAI CETIQT.

CDU: 391:070.432

Ficha catalográfica preenchida pelo aluno, e revisada pela Biblioteca SENAI
CETIQT. Bibliotecário: Robson Soares Cruz / CRB 7ª n° 6475

SENAI CETIQT

RAPHA FERNANDES DA SILVA

EDITORIAL DE MODA: INSPIRADO NAS FESTAS UNDERGROUND

Trabalho de Conclusão de Curso a ser submetido à Comissão Examinadora do Curso de Design de Moda, da Faculdade SENAI CETIQT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Design de Moda.


Data de Aprovação 03/07/2025,

Banca Examinadora:


Cristiane de Souza dos Santos de Carvalho


Mestrado em Ciências Cardiovasculares, Universidade Federal Fluminense,

Docente, SENAI CETIQT


Rosa Lucia de Almeida Silva

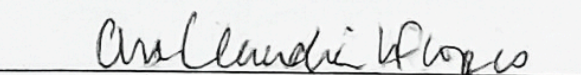
Especialização em Computação Gráfica e Multimídia, Universidade Estadual do Rio do Janeiro

Docente, SENAI CETIQT


Igor Ribeiro

Design de Moda, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC,

Analista de Comunicação, Out Of Office


Ana Claudia Lourenço Ferreira Lopes
Coordenadora de Graduação e Ensino Técnico

AGRADECIMENTOS

À minha família, que sempre acreditou nos meus caminhos e desejos, me apoiando incondicionalmente, especialmente ao meu pai, Clenilson, e à minha avó, Rita, que foram fundamentais para que eu pudesse seguir e construir meu sonho.

Aos meus amigos, que estiveram comigo em cada etapa, oferecendo apoio, incentivo e colaboração. Todo amor especial para Lea, Dani, Luiza, Lavinia, Sotti, Robert, Elba, Brum e Igg, que embarcaram nesse projeto com tanta entrega, talento e disponibilidade, sem eles nada disto seria real.

À minha orientadora Cristiane Carvalho, por todo suporte e direcionamento ao longo do processo.

A cada pessoa que fez parte desse caminho, meu eterno carinho e gratidão.

RESUMO

Este trabalho investiga a moda alternativa presente nas festas *underground* do Rio de Janeiro, destacando sua importância como forma de expressão identitária e resistência cultural. A pesquisa parte do entendimento de que a indumentária carrega significados históricos, políticos e sociais, refletindo os comportamentos de subculturas como o *punk*, o gótico e o *techno*. A cena *underground* carioca emerge como um espaço de experimentação estética, no qual os indivíduos ressignificam peças e desafiam padrões estabelecidos. O estudo busca identificar os códigos visuais, referências históricas, modelagens, materiais e influências digitais que moldam essa estética. A metodologia envolve observações de campo, entrevistas e análise de registros visuais, além da influência de redes sociais na disseminação dessa cultura. Como resultado, serão desenvolvidas seis propostas de *looks* que traduzem visualmente os elementos centrais desse universo. A pesquisa pretende valorizar a moda alternativa como instrumento de comunicação, pertencimento e transformação social no contexto urbano contemporâneo.

Palavras-chave: moda alternativa. subcultura. expressão identitária. festas *underground*

ABSTRACT

This study investigates alternative fashion present at underground parties in Rio de Janeiro, highlighting its importance as a form of identity expression and cultural resistance. The research is based on the understanding that clothing carries historical, political, and social meanings, reflecting behaviors of subcultures such as punk, goth, and techno. The Rio underground scene emerges as a space for aesthetic experimentation, where individuals reinterpret garments and challenge established norms. The study aims to identify visual codes, historical references, garment shapes, materials, and digital influences that shape this aesthetic. The methodology includes field observations, interviews, and analysis of visual records, as well as the role of social media in spreading this culture. As a result, six look proposals will be developed to visually translate the core elements of this universe. The research seeks to value alternative fashion as a tool for communication, belonging, and social transformation in the contemporary urban context.

Keywords: alternative fashion. subculture. identity expression. underground parties.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A CULTURA ALTERNATIVA E SUAS INFLUÊNCIAS	11
2.1 Origens E Evolução Da Cultura Underground	11
2.2 Estéticas e Subculturas: Do Punk ao Cyber Goth	15
2.3 A Moda como Manifestação Identitária	22
3 ANÁLISE DA BOLHA ALTERNATIVA DO RIO DE JANEIRO	28
3.1 Mapeamento do Cenário	28
3.2 Estética Visual e Comportamental	33
3.3 Público-Alvo	36
4 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE STYLING	42
4.1 Pesquisa de Referências e Marcas	42
4.2 Conceito do Editorial	50
4.3 Moodboard	50
4.4 Referências de Shooting	51
4.5 Locações	53
4.6 Elemento cênico – Subaru GL 2000	54
4.7 Casting	55
4.8 Beleza	57
4.9 Looks Selecionados	59
5 O EDITORIAL	69
5.1 Pré Festa	69
5.2 Pós Festa	80
5.3 Ficha Técnica	88
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	92

1 INTRODUÇÃO

Dentro da moda, sempre se foi perceptível o quão grandiosa é a expressão e identidade que podemos encontrar na montagem de um *look*, principalmente quando isso vem de lugares diferentes que acabam trazendo também comportamentos culturais que fogem do comum. A indumentária carrega histórias, manifestações culturais e sociais, refletindo questões políticas, econômicas e de comportamento. Na atualidade, os movimentos alternativos e as subculturas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e na criação de novos significados para o vestuário, estabelecendo novas formas de comunicação visual e de expressão individual e coletiva.

A moda alternativa tem sido historicamente uma ferramenta de subversão e questionamento das normas estabelecidas, desafiando padrões e promovendo a liberdade de experimentação estética. Esse fenômeno não é recente, tendo influências que remontam a décadas passadas, como o movimento *punk* dos anos 1970, que utilizava o vestuário como forma de protesto, ou o gótico dos anos 1980, que buscava uma estetização sombria e introspectiva. Além disso, as *raves* e festas *techno* dos anos 1990 contribuíram para a expansão de um vestuário futurista e cheio de referências psicodélicas.

O presente trabalho se propõe a trazer o *styling* e a produção de moda inspirados na cultura alternativa das festas *underground* do Rio de Janeiro, um espaço de experimentação estética e de valorização da liberdade de expressão. A cena *underground* carioca tem em suas raízes movimentos de resistência e subcultura, carregando uma moda que se afasta dos padrões comerciais e se torna uma manifestação de posicionamento e afirmação. Essa cena é composta por indivíduos que desafiam convenções, ressignificam peças e combinam elementos diversos para criar estéticas únicas, muitas vezes inspiradas por movimentos históricos como o gótico, *techno*, *punk*, *funk* e outras vertentes alternativas.

A moda dentro desse contexto não é apenas sobre o ato de vestir-se, mas sobre comunicar uma identidade, pertencer a uma comunidade e transgredir normas impostas pela sociedade tradicional. O visual se torna um meio de expressar valores, críticas e até mesmo um sentimento de não pertencimento ao mundo convencional. Dessa forma, as festas *underground* não são apenas espaços de

lazer, mas também territórios de representação e transformação social, onde as vestimentas funcionam como códigos de inclusão e pertencimento.

A pesquisa tem como objetivo explorar as estéticas visivelmente relevantes, os códigos visuais e as influências históricas da cena *underground*, analisando como a moda se manifesta como uma forma de expressão pessoal e de resistência cultural. Para isso, serão investigados os elementos simbólicos presentes nesse contexto, tais como tendências observadas, padrões de coloração, modelagens predominantes e materiais utilizados, além das influências de diferentes subculturas urbanas que coexistem nesse ambiente.

A metodologia proposta envolve pesquisas de campo, observação e análises de referências visuais para captar a autenticidade desta comunidade. Serão analisados registros fotográficos, análises do cenário *underground* e referências artísticas que dialoguem com essa estética. Também serão estudadas as influências das redes sociais e da digitalização da moda *underground*, investigando como plataformas como Instagram, TikTok e Pinterest contribuem para a disseminação dessa cultura e a reformulação de suas estéticas.

A partir dessas informações coletadas, serão elaboradas seis propostas de *looks* que buscam traduzir a essência das festas *underground*, respeitando os códigos e as narrativas visuais dessa cultura. Cada *look* será desenvolvido com base nos elementos mais recorrentes observados durante a pesquisa, levando em consideração as influências históricas e contemporâneas que moldam essa estética.

Dessa maneira, o projeto visa compreender e documentar as influências, os códigos e as referências visuais da cena *underground* carioca, construindo um enredo que integre esses elementos de forma autêntica e significativa. Além de servir como um estudo sobre a moda alternativa, a pesquisa também pretende valorizar essa expressão cultural e suas contribuições para o cenário da moda contemporânea, ampliando o entendimento sobre como o vestuário pode ser um reflexo potente de identidade, resistência e liberdade. Por fim, espera-se que este estudo contribua para a valorização e compreensão dessa cultura dentro do campo da moda e para a formação de novas perspectivas sobre como o vestuário pode ser um instrumento de transformação social.

2 A CULTURA ALTERNATIVA E SUAS INFLUÊNCIAS

2.1 Origens E Evolução Da Cultura Underground

A cultura *underground* pode ser compreendida como um conjunto de manifestações culturais que emergem e se desenvolvem à margem das tendências dominantes, caracterizando-se por sua resistência e subversão aos padrões sociais, estéticos e ideológicos estabelecidos. Trata-se de um fenômeno que desafia normas hegemônicas e promove formas alternativas de expressão e engajamento social. Seu surgimento remonta às primeiras expressões de contracultura, consolidando-se ao longo do século XX como uma resposta direta aos modelos impostos pela sociedade de massa e pela indústria cultural (Maia, 2014).

Historicamente, a cultura *underground* tem desempenhado um papel crucial na contestação e na renovação do cenário artístico, musical e social. Diversos movimentos contraculturais, como o *punk*, o *hip-hop* em sua fase inicial, o movimento *beat* e o anarquismo artístico, surgiram nesse contexto, propondo novas formas de experiência e interpretação da realidade. Muitas dessas manifestações foram impulsionadas por uma rejeição às estruturas convencionais e à mercantilização da arte, enfatizando a autenticidade, a autonomia e o experimentalismo (Maia, 2014).

Do ponto de vista mercadológico, a cultura *underground* diferencia-se por não seguir os parâmetros estabelecidos pela indústria cultural de forma deliberada. Seus produtos e expressões artísticas frequentemente circulam por meios independentes, longe das grandes corporações midiáticas e do consumo de massa. Esse afastamento do *mainstream* confere um valor simbólico particular às produções *underground*, muitas vezes associadas à ideia de autenticidade e resistência. Assim, a definição de *underground* está diretamente ligada à sua oposição ao *mainstream*, que representa a cultura de ampla aceitação, fortemente influenciada por interesses comerciais e padrões preestabelecidos:

O *mainstream* (que pode ser traduzido como “fluxo principal”) abriga escolhas de confecção do produto reconhecidamente eficientes, dialogando com elementos de obras consagradas e com sucesso relativamente garantido. O *underground*, por outro lado, segue um conjunto de princípios de confecção de produto que requer um repertório mais delimitado para o consumo. Os produtos “subterrâneos” possuem uma organização de produção e circulação

particulares e segmentadas, firmam, quase invariavelmente, a partir da negação do seu “outro” (o *mainstream*) (Filho, 2006, p.8).

Os artistas *underground* procuram diferenciar-se das características dominantes do *mainstream* como forma de legitimação de suas práticas culturais. Essa distinção se manifesta não apenas na estética e nos temas abordados, mas também na maneira como suas produções são concebidas e disseminadas. Diferentemente das produções voltadas ao grande público, que seguem padrões de mercado e buscam atender demandas comerciais, a arte *underground* valoriza a autenticidade e a expressão individual, sem se submeter às exigências impostas pela indústria cultural (Maia, 2014).

A divulgação dessas produções ocorre, predominantemente, por meio de canais alternativos, como fanzines, gravadoras independentes, redes sociais, blogs especializados e outras mídias digitais que não dependem dos grandes conglomerados de comunicação. Esse modelo de difusão favorece um consumo segmentado e fortalece redes de apoio entre produtores e apreciadores, garantindo a sobrevivência e a continuidade da cena *underground*. Assim, na maioria dos casos, os envolvidos nesse cenário não buscam inserção na mídia tradicional, tampouco encontram nela um espaço para divulgar seus trabalhos (Maia, 2014).

A cultura *underground* é composta por grupos sociais que compartilham características e interesses semelhantes, sendo influenciados pelos produtos culturais que produzem e consomem. Nesse contexto, o conceito de “tribalismo”, proposto por Michel Maffesoli, torna-se relevante para compreender a necessidade do pertencimento e da coesão dentro desses grupos. Segundo Maffesoli (1998, p. 28), esse fenômeno se manifesta no “aspecto coesivo da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos (localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais”. Dessa forma, a cultura *underground* não se trata apenas de uma manifestação artística isolada, mas de um fenômeno social que fortalece a identidade coletiva de seus integrantes.

Apesar de não estarem inseridos na lógica da indústria cultural tradicional, os produtos culturais *underground*, também conhecidos como independentes ou alternativos, podem, eventualmente, atrair alguma atenção midiática. Esse reconhecimento ocorre, muitas vezes, em razão da atuação organizada de grupos de produtores e consumidores que, ao se apropriarem de tecnologias e mídias

alternativas, encontram formas inovadoras de divulgar e manter vivas suas manifestações culturais. A internet, em particular, desempenha um papel fundamental nesse processo, ao permitir a circulação de conteúdos sem as restrições impostas pelos grandes veículos de comunicação, possibilitando que o *underground* continue existindo e influenciando diferentes esferas da cultura contemporânea.

Azevedo (1998) destaca que a cultura *underground* emerge como uma alternativa à massificação cultural imposta pelos meios de comunicação de massa e pelo mercado consumidor, oferecendo uma forma de expressão que rompe com as convenções estabelecidas. O autor reforça que essas manifestações frequentemente estão associadas a movimentos de resistência política, artística e comportamental, buscando espaços autônomos de expressão e ação, sem a mediação das grandes estruturas comerciais ou políticas. Isso se dá, principalmente, por meio da criação de redes independentes de produção e distribuição cultural, como editoras alternativas, selos musicais independentes, zines, e produção audiovisual experimental. Essas alternativas permitem que o movimento *underground* se mantenha à margem das lógicas comerciais convencionais, garantindo não só a continuidade, mas também a evolução e adaptação do movimento aos novos tempos e desafios impostos pelas transformações sociais, políticas e tecnológicas. Dessa forma, o *underground* assume um caráter não apenas de resistência, mas também de inovação constante, mantendo-se relevante mesmo em tempos de constante evolução tecnológica e de convergência das mídias.

No contexto da evolução da cultura *underground*, Pedrada (2019) observa que esse fenômeno não se restringe a um período específico, mas sim a processos cíclicos, nos quais diferentes gerações re interpretam e ressignificam elementos estéticos e conceituais que sempre estiveram presentes em suas raízes. Dessa forma, os movimentos *underground* são fluidos e dinâmicos, variando e se adaptando de acordo com o contexto histórico e sociocultural em que surgem. A natureza do *underground* é adaptativa, absorvendo influências diversas de outras formas de resistência cultural, de movimentos sociais e até das novas tecnologias de comunicação, e ressignificando essas influências conforme as necessidades e demandas dos grupos que o integram. O *underground*, portanto, cria um espaço de

constante experimentação e inovação, funcionando não apenas como uma alternativa à cultura *mainstream*, mas também como um laboratório de ideias, onde novos significados são constantemente gerados, questionando e subvertendo as normas sociais, estéticas e culturais dominantes. A capacidade de ressignificação do *underground* garante sua vitalidade, permitindo-lhe atravessar décadas e ainda manter seu poder de transformação e resistência.

Carvalho e Nunes (2014) destacam que a cultura *underground* é amplamente moldada pelo surgimento e desenvolvimento de redes alternativas de comunicação, como fanzines, selos independentes e, mais recentemente, plataformas digitais. Essas redes proporcionam uma forma de distribuição de conteúdo que foge dos circuitos comerciais tradicionais, permitindo que artistas e grupos de diferentes segmentos se conectem sem depender dos meios convencionais de mídia. Para os autores, tais redes são essenciais não apenas para a manutenção da cultura *underground*, mas também para sua renovação contínua, pois viabilizam a disseminação de novas formas de expressão artística e ideológica que desafiam as normas estabelecidas. O avanço da internet e o aperfeiçoamento das tecnologias de comunicação ampliaram ainda mais esse fenômeno, criando um espaço onde diferentes manifestações *underground* podem interagir globalmente. Com isso, essas práticas não só encontram um maior alcance, mas também se fortalecem mutuamente, criando uma rede de apoio e difusão que antes não existia de maneira tão significativa.

Bennet (2021) analisam a cultura *underground* a partir da ótica das subculturas juvenis, enfatizando o papel crucial dessas manifestações na construção de identidades coletivas e individuais. De acordo com os autores, o *underground* não é apenas uma forma de resistência à cultura dominante, mas também exerce uma influência transformadora sobre a cultura *mainstream*. Esse movimento é caracterizado por um processo contínuo de hibridização, no qual elementos da cultura *underground* são apropriados e reinterpretados pela cultura dominante. A partir dessa dinâmica, observa-se uma troca constante entre o *mainstream* e o *underground*, resultando na incorporação de elementos subculturais em diversos campos, como a moda, a música e a indústria do entretenimento. A indústria, muitas vezes, toma essas influências da cultura *underground*, ressignificando-as e as introduzindo no mercado de consumo, criando uma constante oscilação entre o que

é marginal e o que se torna *mainstream*. Esse fenômeno destaca a fluidez das fronteiras culturais e a capacidade de adaptação tanto das subculturas quanto das culturas dominantes.

O movimento *underground*, ao longo das décadas, tem se consolidado como um campo privilegiado para a experimentação estética e conceitual, funcionando como um verdadeiro refúgio para artistas e criadores que buscam explorar novas formas de linguagem, longe das limitações e da pressão do mercado tradicional. Em diversos contextos, os movimentos *underground* atuam como autênticos laboratórios culturais, onde tendências inovadoras e subversivas são gestadas e amadurecidas, antes de se expandirem para uma visibilidade mais ampla, muitas vezes no momento em que se tornam *mainstream*. Este espaço de liberdade criativa permite que novas formas de expressão surjam sem o peso das convenções estabelecidas, alimentando a criatividade de quem deseja romper com o estabelecido.

Dessa maneira, a cultura *underground* pode ser entendida como um campo dinâmico, multifacetado e em constante transformação, cuja evolução está profundamente conectada às mudanças sociais, políticas e tecnológicas que permeiam cada período histórico. Ao longo dos anos, a interação entre artistas, públicos e outros agentes culturais tem garantido não apenas a perenidade, mas também a constante reinvenção dessa forma de expressão, fazendo dela um componente essencial para a compreensão das dinâmicas culturais contemporâneas.

Ao resistir à padronização e à homogeneização da sociedade de consumo, a cultura *underground* segue desafiando as normas e promovendo alternativas inovadoras de expressão, desempenhando um papel crucial na ampliação dos horizontes artísticos e na construção de novas perspectivas socioculturais. Em essência, ela permanece como uma força vital que propõe novas formas de olhar e interpretar o mundo ao nosso redor.

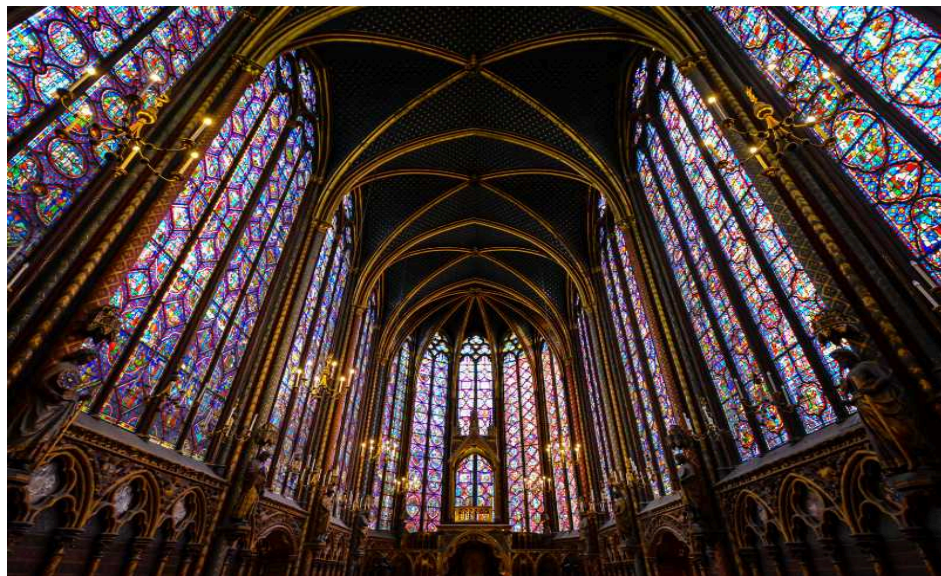
2.2 Estéticas e Subculturas: Do Punk ao Cyber Goth

A estética gótica é profundamente marcada por uma série de elementos que evocam um distanciamento intencional da realidade mundana, refletindo uma busca incessante por introspecção, mistério e transcendência. Sua origem remonta aos anos 1980, período em que se deu o surgimento de uma subcultura pós-*punk*, em meio a um contexto social e cultural de desilusão. Esse cenário gerou uma nova

geração, insatisfeita com as normas convencionais da sociedade, que adotou uma postura de resistência e questionamento. Esse movimento emergente se dedicou à exploração de temas sombrios e existenciais, como a morte, a melancolia, a alienação, a decadência, o esoterismo e a transcendência, frequentemente expressos de maneira visual e sonora. A estética gótica, portanto, vai muito além da simples escolha por roupas escuras, como o preto, e se manifesta também na arquitetura, literatura, música e moda, compondo uma linguagem única e multifacetada.

No campo da arquitetura, o estilo gótico se caracteriza por linhas pontiagudas, arcos elevados e uma sensação de verticalidade, criando um espaço imponente e de transcendência. As grandes catedrais medievais, com suas vitrinas de vidro colorido e sua atmosfera sombria e introspectiva, servem como um reflexo simbólico dessa busca por algo além do tangível, representando o espírito da subcultura gótica que reverência o mistério e o oculto.

Figura 1 – Interior da Sainte-Chapelle, em Paris, França



Fonte: 123RF (2024).

Na literatura, a estética gótica tem suas raízes no romantismo e no gótico clássico, com obras de autores como Edgar Allan Poe, Mary Shelley e Bram Stoker, que exploraram a morte, o sobrenatural e os dilemas existenciais. O cenário gótico literário é frequentemente povoado por castelos sombrios, figuras fantasmagóricas e uma atmosfera carregada de tensão emocional e psicológica. Essa mesma aura

melancólica e misteriosa permeia os textos contemporâneos de autores que se alinham à estética gótica, como Neil Gaiman e Poppy Z. Brite, que mantêm viva a tradição de explorar as profundezas da alma humana:

Durante todo um dia pesado, escuro e mudo de outono, em que nuvens baixas amontoavam-se opressivamente no céu, eu percorri a cavalo um trecho de campo singularmente triste, e finalmente me encontrei, quando as sombras da noite se avizinhavam, à vista da melancólica Casa de Usher (Poe, 2017)

A música gótica, por sua vez, é um dos pilares dessa subcultura, com sua sonoridade sombria, atmosférica e, por vezes, perturbadora. Bandas como Bauhaus, Siouxsie and the Banshees e The Cure foram essenciais para a consolidação do movimento, fundindo elementos do pós-*punk*, *new wave* e música eletrônica, criando uma paisagem sonora que reflete os mesmos sentimentos de alienação e mistério. Os ritmos e melodias que dominam a cena gótica evocam uma sensação de melancolia e intensidade emocional, com letras que frequentemente abordam temas como amor sombrio, dor e a busca pela transcendência.

A moda gótica também se distancia das convenções, com um visual que vai além do simples uso do preto, incorporando uma diversidade de tecidos e materiais como renda, veludo, cetim e couro. Corsets estruturados, botas de cano longo e maquiagem pesada, com destaque para os olhos e lábios marcantes, contribuem para a criação de uma imagem sensual, misteriosa e, por vezes, macabra. Esse estilo, frequentemente teatral, busca não apenas desafiar os padrões de beleza estabelecidos, mas também celebrar a individualidade e a expressão de uma visão alternativa da vida e da morte. Ao abraçar o que é considerado tabu ou sombrio, a moda gótica cria um espaço para a reflexão sobre a finitude, a fragilidade e a busca por significado em um mundo que muitas vezes parece desolador.

Esses elementos criam uma estética que, ao mesmo tempo, é sensual, misteriosa e macabra, ao estabelecer uma linguagem de contraste e dramaticidade. A estética gótica, portanto, não apenas se distanciará das normas sociais dominantes, mas também buscará uma identidade visual única, que representa uma visão alternativa da vida, da morte e da experiência humana. Ao fazer isso, ela desafia os padrões de beleza convencionais e abraça os aspectos mais obscuros da existência, propondo uma reflexão profunda sobre as complexidades da psique humana e as emoções intensas e contraditórias que moldam a experiência de viver. Assim, a estética gótica se configura como uma forma de expressão que celebra a

busca por significado em um mundo frequentemente visto como indiferente, oferecendo uma alternativa visual e simbólica para aqueles que desejam se afastar das normas dominantes e mergulhar nas profundezas do mistério e da introspecção (Oliveira, 2016).

Figura 2 - Casal com estética gótica



Fonte: STATION OHAYO WORLD (2014).

A associação com algo sombrio e macabro é muitas vezes automática quando se trata da subcultura gótica. Uso excessivo da cor preta é mal visto pela cultura *mainstream* por se tratar, historicamente, de uma cor que remete ao luto, e também por se tratar da cor escolhida como protesto entre os movimentos culturais do século XX, como observamos entre os *rockers*, *punks* e na subcultura gótica. “Góticos são caracterizados principalmente pelo uso da cor preta, como cor única, em suas roupas, o que lhes dá um lado escuro. Além de todos esses significados, esta cor simboliza seriedade.” (Osterno, 2013, p. 5) Essa fixação pelas “sombras” pode ser observada desde os primórdios da subcultura:

Historicamente, a base do vestuário Gótico é preta, aceitando algumas cores como sobreposição. Quais cores e a quantidade delas é uma tendência interna que varia ao longo das décadas dentro da própria subcultura Gótica e em cada cena local. (Kipper, 2008, p. 48)

Além disso, a subcultura gótica se distingue por seu vínculo com uma série de referências culturais e históricas, como o romantismo do século XIX, o simbolismo, a literatura gótica e as artes visuais, que influenciam diretamente sua expressão estética. A música, em particular, desempenha um papel fundamental nesse processo de formação e manutenção da identidade gótica, com subgêneros como o post-punk, o *darkwave*, o industrial e o *gothic rock*, que buscam criar atmosferas densas e introspectivas, com letras que frequentemente abordam temas de sofrimento, busca de sentido, e o desejo de transcendência (Oliveira, 2016).

Em contraste com o *punk*, que expressa uma rebeldia imediata e agressiva contra a ordem estabelecida, a estética gótica reflete uma postura mais contemplativa, melancólica e filosófica, que explora as complexidades da alma humana e a finitude da existência. Assim, o gótico se propõe como uma forma de resistência cultural, não apenas ao *mainstream*, mas também ao próprio entendimento tradicional da vida e da morte, desafiando convenções e propondo uma reflexão profunda sobre o papel do indivíduo no mundo (Oliveira, 2016).

A estética gótica pode ser considerada uma forma de resistência que busca construir uma identidade coletiva por meio de símbolos que remetem a um imaginário cultural alternativo. De acordo com Caetano (2020), essa subcultura oferece aos seus adeptos uma "família" ou uma rede de pertencimento, onde cada indivíduo pode se expressar e se afirmar a partir de um conjunto de símbolos compartilhados, como o vestuário e os temas explorados pela música e pelo comportamento. A tensão entre a tristeza e o mistério, que permeia a estética gótica, está profundamente conectada a um desejo de compreensão do mundo, refletido em suas práticas e na maneira de se vestir.

Figura 3 - Trio de Góticas



Fonte: O CORVO BLOG (2011).

Com o advento da internet, a estética gótica encontrou novos meios de expressão e de conexão. Como destaca Amaral, Barbosa e Polivanov (2015), a subcultura gótica se reinventou nas redes sociais, utilizando-as não apenas como ferramenta de comunicação, mas como plataforma para reafirmar a própria identidade e resistir a padrões impostos pela sociedade. A fanpage “Gótica Desanimada”, citada no texto, é um excelente exemplo de como os góticos se utilizam da auto ironia e do humor para se afirmar no ambiente digital, mantendo-se conectados aos valores tradicionais da subcultura, como a melancolia e o mistério, mas ao mesmo tempo interagindo com a modernidade e a cultura digital.

A adaptação às redes sociais e ao espaço virtual reflete uma mudança importante na maneira como as subculturas se organizam e se expressam. Em vez de se isolarem em espaços físicos, como clubes e shows, agora elas têm a possibilidade de se expandir globalmente, criando novas formas de sociabilidade. Nesse contexto, a estética gótica não apenas sobrevive, mas se fortalece, pois as redes sociais oferecem um campo fértil para a troca de ideias, a criação de

comunidades e o fortalecimento do pertencimento a um grupo que compartilha valores e estéticas comuns.

O fenômeno do *cyber goth* representa uma nova evolução da estética gótica, que incorpora a influência das tecnologias digitais e do *cyberpunk*. A estética *cyber goth* é, segundo Amaral (2007), uma fusão entre o gótico tradicional e o futurismo da ficção científica, criando um visual híbrido que mistura roupas negras e góticas com elementos metálicos, neon, e maquiagem futurista. Esse movimento reflete uma adaptação das subculturas góticas ao ambiente digital e tecnológico, criando uma estética que lida com o futuro, mas sem perder a conexão com o passado sombrio e melancólico.

O *cyber goth* se caracteriza, também, por sua busca por uma nova forma de identidade e resistência dentro de um mundo altamente digitalizado. Em vez de se concentrar apenas na oposição à sociedade tradicional, o *cyber goth* utiliza a internet como um espaço para explorar novas formas de sociabilidade, onde a tecnologia se torna uma extensão da própria identidade. Esse fenômeno aponta para uma reconfiguração da subcultura gótica que, ao integrar o digital, cria novas formas de pertencimento e expressão (Heise-von der lippe, 2019)

Figura 4 - Visual *cyber goth*



Fonte: GOTH TYPES WIKI (2024).

A estética gótica, longe de ser um fenômeno homogêneo, é também um campo fértil para discussões sobre gênero e representação. Como Soares (2021)

sugere, as mulheres desempenham um papel fundamental na construção da identidade gótica, tanto na construção visual da estética quanto nas práticas culturais associadas. Ao longo do tempo, a presença feminina no movimento gótico se tornou mais visível e relevante, desafiando as concepções tradicionais de gênero que existiam dentro da subcultura, que inicialmente foi dominada por homens.

Além disso, a subcultura gótica, assim como o *punk*, oferece um espaço para a expressão de identidades de gênero alternativas, questionando as normas tradicionais e buscando novas formas de afirmação e de resistência. A estética gótica, com sua ênfase em temas de morte e melancolia, também se conecta com uma postura de aceitação da diversidade humana, incluindo as diversas expressões de gênero e sexualidade (Zhou, 2024).

Em última análise, a estética gótica, junto com as estéticas do *punk* e do *cyber goth*, é uma forma de resistência cultural que se materializa na indumentária, na música e na comunicação digital. Essas subculturas, ao longo dos anos, têm se transformado, mas sempre mantendo um vínculo profundo com os valores de oposição às normas sociais dominantes. A estética, mais do que um simples reflexo de uma escolha de vestuário, serve como uma ferramenta de afirmação e resistência, permitindo aos seus adeptos a construção de uma identidade coletiva que se manifesta não apenas na forma de vestir, mas também nas interações sociais e nas práticas culturais.

A subcultura gótica, por exemplo, oferece um sentido de pertencimento àqueles que se sentem marginalizados pela sociedade dominante, seja pelo seu comportamento, suas crenças ou sua forma de se vestir. É uma estética que, ao mesmo tempo, desafia e acolhe, convidando seus adeptos a explorarem um lado mais sombrio da existência humana e a se expressarem de formas únicas e pessoais, seja no mundo físico ou no digital.

2.3 A Moda como Manifestação Identitária

A identidade é um conceito complexo e multifacetado, que vem sendo amplamente discutido ao longo dos séculos, com diferentes perspectivas e abordagens que refletem as transformações históricas e sociais da humanidade. Ao longo do tempo, o conceito de identidade tem sido moldado por fatores culturais, filosóficos e sociológicos, estabelecendo um campo de análise que abrange desde a

essência individual até as dinâmicas coletivas e os contextos sociais em constante mudança (Moura, 2018).

Segundo Hall (2006), há três concepções principais de identidade que emergiram ao longo da história: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno, cada um refletindo um modo particular de compreender a construção e a expressão do eu. Essas abordagens destacam não apenas a evolução do pensamento identitário, mas também a forma como a sociedade passou a enxergar o indivíduo e seu papel nas relações sociais.

O sujeito do Iluminismo está enraizado na ideia de que a identidade é uma essência do eu, que permanece inalterada desde o nascimento até a morte. Essa concepção está diretamente relacionada ao pensamento racionalista e científico que emergiu com a Reforma Protestante, o Humanismo Renascentista e, posteriormente, o Iluminismo. O sujeito do Iluminismo é, portanto, concebido como um indivíduo unificado, centrado e racional, refletindo a noção cartesiana do "penso, logo existo" de René Descartes, que identificava a mente como uma substância pensante e a matéria como uma substância espacial (Moura, 2018).

Essa perspectiva iluminista concebe o ser humano como um agente autônomo, cujas ações e decisões são guiadas pela razão, garantindo uma continuidade e estabilidade identitária ao longo do tempo. Nesse contexto, a identidade é vista como algo inerente ao indivíduo, imune às influências externas e às mudanças sociais, mantendo-se fixa e inalterada. Essa visão também se conecta às ideias de John Locke, que defendia a permanência da identidade ao longo do tempo, caracterizando-a como uma continuidade racional e imutável (Silva, 2020).

Dessa forma, a concepção iluminista de identidade valoriza a autonomia do sujeito e a estabilidade de sua essência, estabelecendo uma visão que influenciou profundamente a formação do pensamento moderno e os ideais de liberdade e individualidade que permeiam a cultura ocidental até os dias atuais. No entanto, essa perspectiva não permaneceu incontestada, sendo posteriormente revisitada e criticada por abordagens sociológicas e pós-modernas que questionam sua rigidez e seu caráter essencialista (Silva, 2020).

Com o passar do tempo e o avanço das ciências sociais, emergiu uma nova perspectiva acerca da compreensão do sujeito: o sujeito sociológico. Essa abordagem se distancia radicalmente da concepção de identidade fixa e essencial,

típica do pensamento iluminista, e passa a considerar o sujeito como uma construção social, forjada por meio de interações interpessoais e dinâmicas coletivas. A identidade deixa, portanto, de ser um atributo intrínseco e passa a ser entendida como um processo em constante transformação, moldado pelas influências culturais, sociais e históricas que atravessam a vida cotidiana (Moura, 2018).

O pensamento sociológico, ao enfatizar a importância do meio social e das relações interpessoais na formação identitária, rompe com o individualismo do sujeito iluminista e introduz uma perspectiva mais complexa e relacional da subjetividade humana. Essa abordagem foi fortemente influenciada pelo pensamento evolucionista de Charles Darwin, que trouxe à tona a ideia de adaptação e transformação constantes, e pelo surgimento de disciplinas como a sociologia, cujo objetivo central é compreender o comportamento humano no contexto coletivo e normativo. O sujeito, assim, deixa de ser visto como uma essência imutável e passa a ser compreendido como uma entidade em constante reconstrução, influenciada por fatores históricos, culturais e sociais (Moura, 2018).

Com o desenvolvimento da modernidade e o conseqüente aumento da complexidade social, a identidade sociológica também passou a ser vista como fragmentada e mutável, o que culminou na formulação do conceito de sujeito pós-moderno. Esse novo paradigma teórico reflete a multiplicidade de identidades coexistentes e contraditórias que caracterizam o "eu" contemporâneo, rompendo com a ideia de unidade e coerência como características essenciais do sujeito. Para Hall (2006), essa pluralidade identitária é uma marca fundamental da pós-modernidade, em que as identidades tornam-se dinâmicas, temporárias e altamente influenciadas por fatores externos, incluindo as transformações culturais, sociais e históricas que permeiam a sociedade globalizada.

Entre as influências teóricas que contribuíram para essa mudança de paradigma destacam-se Karl Marx, Sigmund Freud, Ferdinand Saussure e Michel Foucault, cujas ideias desestabilizaram a noção clássica de identidade. Karl Marx deslocou o foco da identidade individual para as relações de produção e exploração, ressaltando a centralidade das estruturas econômicas na constituição do sujeito. Sigmund Freud, por sua vez, desvendou a complexidade da psique humana ao revelar a existência do inconsciente e a influência dos desejos reprimidos na

formação do eu. Ferdinand Saussure, ao propor uma nova compreensão sobre a linguagem, mostrou que os significados são culturalmente construídos e pertencem ao sistema linguístico compartilhado, e não ao indivíduo isolado. Michel Foucault, por sua vez, problematizou a relação entre poder e identidade ao abordar como as práticas discursivas e as instituições disciplinadoras moldam corpos e subjetividades, destacando o papel da vigilância e da normatização social (Moura, 2018).

Ademais, o movimento feminista também teve um papel crucial na desconstrução da identidade unificada, ao questionar a separação entre o público e o privado e introduzir novas discussões sobre gênero e diferença sexual. A crítica feminista revelou como as identidades de gênero são construções sociais e históricas, que refletem relações de poder e dominação, promovendo um olhar crítico sobre as concepções tradicionais de masculinidade e feminilidade. Assim, a multiplicidade identitária da contemporaneidade emerge como uma resposta às dinâmicas sociais complexas e às lutas por reconhecimento e igualdade que marcam o mundo atual (Silva, 2020).

Para o sociólogo Bauman (2005), a identidade na contemporaneidade se assemelha a um quebra-cabeça incompleto e imprevisível, em que as peças podem se conectar de maneiras variadas, mas nunca resultam em uma imagem final pré-determinada. Esse caráter fragmentado e fluido da identidade reflete as profundas transformações sociais, culturais e econômicas que marcaram a passagem da modernidade para a pós-modernidade. Em contraste com a estabilidade buscada no passado, a identidade moderna está em constante transformação, impulsionada por um desejo permanente de segurança que convive com a insatisfação gerada pelas inúmeras possibilidades de escolha e pela incerteza inerente ao processo de construção pessoal.

Bauman (2005) descreve essa busca identitária como um esforço incessante de adaptação a um mundo marcado pela liquidez das relações sociais e pela efemeridade dos valores e crenças. A identidade, antes concebida como algo sólido e duradouro, passa a ser percebida como um projeto contínuo, vulnerável às mudanças do contexto social e às pressões externas. A constante reconfiguração da subjetividade torna-se uma característica fundamental da condição contemporânea,

em que o indivíduo é compelido a se reinventar para acompanhar o dinamismo da sociedade globalizada.

Nesse cenário, a moda, enquanto fenômeno cultural e expressão simbólica, desempenha um papel central na dinâmica identitária, especialmente na contemporaneidade, onde a democratização das aparências e a velocidade dos ciclos de tendências refletem a efemeridade das identidades sociais. A moda não se limita mais a ser um marcador de distinção entre classes sociais, mas se transforma em uma plataforma de expressão pessoal, na qual a subjetividade se manifesta por meio de escolhas estéticas que carregam significados culturais e sociais.

Segundo Lipovetsky (2009), a produção industrial e a massificação das comunicações desde a Primeira Guerra Mundial resultaram em uma moda menos rígida e mais acessível às diversas camadas sociais. Esse processo promoveu uma reconfiguração na forma como os indivíduos percebem e constroem suas identidades, permitindo maior liberdade de experimentação e multiplicidade de estilos. A moda contemporânea, marcada pela pluralidade e pela flexibilidade, reflete o espírito pós-moderno de constante renovação e reinvenção.

O filósofo Svendsen (2010) observa que, no cenário atual, as tendências não mais se impõem como verdades absolutas e coexistem em uma multiplicidade de estilos que expressam diferentes perspectivas e narrativas pessoais. A individualização da moda permite que os indivíduos dialoguem com diversas referências culturais, rompendo com a ideia de uma identidade fixa e promovendo a criação de identidades híbridas e mutáveis.

Crane (1992), acrescenta que as roupas funcionam como instrumentos de expressão que refletem tanto escolhas pessoais quanto influências coletivas, proporcionando uma leitura visual das identidades sociais e das afiliações culturais. A transitoriedade dos estilos, a possibilidade de mesclar referências e a liberdade de combinar elementos díspares conferem à moda um papel central na articulação das identidades contemporâneas.

Além disso, a moda dialoga diretamente com questões sociais e culturais, como sexualidade, gênero, movimentos sociais e até mesmo fenômenos políticos. Ao longo da história, estilistas e coleções influentes trouxeram à tona debates importantes, utilizando as passarelas como plataformas de expressão e resistência. Exemplos marcantes incluem os figurinos icônicos de Jean Paul Gaultier para

Madonna, que desafiaram normas de gênero e sexualidade, e a proposta de Donna Karan, que refletiu a inserção da mulher no mercado de trabalho, promovendo um visual que equilibrava sofisticação e praticidade (Crane, 1992).

A moda de rua também teve papel fundamental na consolidação de identidades coletivas e pessoais, como observado no movimento *punk* dos anos 1970, que, por meio de roupas rasgadas, tachas e mensagens provocativas, expressava uma postura de rebeldia e inconformismo social. Outro exemplo é o movimento hip-hop, que, com suas roupas largas e estilos próprios, refletiu questões de raça, classe e resistência urbana (Svenden, 2010).

A busca por autenticidade e expressão individual por meio da vestimenta também é representada por movimentos como o dandismo e a antimoda, que contestam a uniformidade das tendências e reforçam a autonomia estética. Nesse contexto, a sustentabilidade e a moda consciente emergem como novas vertentes que desafiam o consumismo exacerbado, valorizando práticas éticas e responsáveis (Svenden, 2010).

Desse modo, a moda não é apenas um fenômeno de consumo efêmero, mas um meio de dialogar com a contemporaneidade e de expressar as complexidades identitárias que caracterizam a subjetividade pós-moderna. Como observam os estudiosos da moda, a liberdade atual não elimina os dilemas da identidade, mas os potencializa, oferecendo ao indivíduo a oportunidade de experimentar, combinar e reinventar o eu, em constante movimento entre tradição e inovação, pertencimento e singularidade.

3 ANÁLISE DA BOLHA ALTERNATIVA DO RIO DE JANEIRO

3.1 Mapeamento do Cenário

A cena alternativa do Rio de Janeiro se consolida como um espaço sociocultural multifacetado de resistência, inovação e expressão artística, configurando uma bolha cultural vibrante que não apenas promove a diversidade, a inclusão e a liberdade de expressão, mas também serve como um ponto de encontro para diferentes manifestações culturais que desafiam a hegemonia dominante. Caracterizada por sua pluralidade estética, que vai desde as artes visuais até a música, o teatro e as performances de rua, a bolha alternativa carioca é um verdadeiro caldeirão de novas linguagens artísticas e culturais. Essa dinâmica se alimenta da constante troca de experiências e referências, criando um ambiente fértil para o surgimento de novos movimentos e tendências. Ao mesmo tempo, a cena alternativa carioca adota uma abordagem consciente de contestação, em que a crítica social, a reflexão sobre as desigualdades e a valorização da liberdade individual se manifestam de forma direta e ousada.

Em meio a essa configuração, observa-se uma dinâmica identitária profundamente interligada com as demandas sociais por reconhecimento, inclusão e justiça, refletindo as aspirações de grupos historicamente marginalizados. Esses coletivos e eventos, que podem variar desde festas, performances, exposições até manifestações de rua, tornam-se espaços de construção de subjetividades, onde diferentes expressões de gênero, sexualidade, raça e classe são discutidas e celebradas. Nessa bolha, a resistência à opressão se torna não apenas um gesto político, mas também uma forma de reconfigurar o tecido social, abrindo possibilidades para o florescimento de novas formas de ser e estar no mundo.

O estilo alternativo que permeia essa bolha está diretamente associado à construção de identidades dissidentes, que se contrapõem às normas estabelecidas pela cultura dominante. Essas identidades se manifestam em diversas frentes, como na moda, na música, no comportamento e nas práticas artísticas, sempre buscando um espaço para escapar das normatividades impostas pelo *mainstream*. De acordo com Hall (2006), a identidade cultural não é algo fixo, mas um processo dinâmico de negociação, onde a constante ressignificação de elementos culturais permite que

novas formas de pertencimento e expressão se afirmem. Nesse sentido, a cena alternativa carioca reflete esse processo de reconfiguração contínua, desafiando as convenções e propondo alternativas tanto para as normas estéticas quanto para os modelos de sociedade hegemônicos. A cena se torna, assim, um campo fértil de reinvenção de linguagens e práticas sociais, estabelecendo um discurso estético que se configura não apenas como resistência, mas também como uma forma de subversão criativa que propõe um novo olhar sobre o que é considerado legítimo, verdadeiro ou desejável dentro do panorama cultural carioca e global.

Nesse sentido, os eventos alternativos funcionam como espaços de construção coletiva e compartilhamento de experiências que promovem a reafirmação de identidades plurais e fluidas. Através da performance, da música e da ocupação de espaços urbanos, esses eventos desconstróem narrativas homogêneas e introduzem práticas culturais que celebram a multiplicidade e a diversidade. Eles se tornam locais de resistência, onde as vozes de grupos marginalizados, muitas vezes silenciados nas grandes narrativas sociais, encontram eco e visibilidade. A partir dessa dinâmica, o espaço alternativo não é apenas uma resposta ao status quo, mas um cenário de reafirmação cultural, onde as identidades se entrelaçam e se transformam a cada manifestação artística e social.

Essa construção identitária, que encontra abrigo na bolha alternativa, é fundamental para compreender o impacto social e político dessas manifestações culturais. Ao proporcionar um palco para a expressão autêntica de indivíduos e comunidades, esses eventos desafiadores abrem caminho para novas formas de pertencimento e representatividade. Eles não apenas resistem ao apagamento das experiências e subjetividades de minorias, mas também agem como agentes transformadores de um tecido social em constante metamorfose. A construção e a afirmação de novas identidades e formas de interação são cruciais para a redefinição das normas culturais estabelecidas.

Entre os eventos que se destacam na cena alternativa carioca, encontram-se festas como Kode Fervo, Lâmina e Mariwô, que atuam como núcleos articuladores de redes de sociabilidade e pertencimento entre seus frequentadores. Essas festas, além de serem espaços de celebração e divertimento, desempenham um papel crucial na formação de comunidades afetivas e políticas, promovendo a união entre pessoas que, muitas vezes, não encontram lugar em outros espaços da sociedade.

Elas oferecem uma plataforma para que indivíduos possam se expressar sem medo de julgamento, criando um ambiente em que o respeito à diversidade não é apenas um princípio, mas uma prática cotidiana (House Mag, 2020).

Esses eventos, além de constituírem espaços de celebração, cumprem uma função política ao promoverem ambientes seguros e acolhedores para pessoas LGBTQIA+, negras e periféricas, rompendo com lógicas excludentes e elitistas comuns em outras esferas culturais da cidade. Eles se tornam pontos de resistência ao *mainstream* cultural, desafiando normas e hierarquias que muitas vezes marginalizam determinados corpos e subjetividades. Ao mesmo tempo, essas festas contribuem para a visibilidade de uma cultura que, longe de ser homogênea, é feita de encontros, trocas e celebrações de quem, em outros espaços, poderia ser invisibilizado. Com isso, tais eventos promovem um processo contínuo de reconfiguração das normas sociais e culturais, fortalecendo o movimento de inclusão e ampliação da diversidade (House Mag, 2020).

Figura 5 - Festa Alternativa



Fonte: HOUSEMAG (2021).

A Kode Fervo, em particular, se caracteriza por sua proposta inclusiva e pela inovação estética, destacando-se como um fenômeno cultural que alia tendências contemporâneas da música eletrônica com uma forte ênfase na liberdade de expressão. Sua notoriedade foi consolidada por meio de uma presença digital

estratégica e de uma curadoria musical que prioriza gêneros de vanguarda, tais como *techno*, *house* e *funk* experimental. Esses estilos musicais não apenas refletem as tendências mais atuais da cena musical global, mas também funcionam como veículos de resistência cultural, desafiando normas estabelecidas e propondo novas formas de vivência sonora e artística (House Mag, 2020).

A Kode Fervo, nesse contexto, se configura como um espaço de afirmação identitária e resistência cultural, no qual se busca a desconstrução de padrões convencionais de socialização e pertencimento. Ao promover uma experiência que integra música, performance e arte visual, a festa oferece um ambiente onde a expressão individual é celebrada, sendo esta uma característica fundamental para a constituição do evento como um ponto de encontro de múltiplas identidades (House Mag, 2020).

A presença significativa da comunidade *queer* na festa reforça a relevância da cultura alternativa como uma estratégia de contestação e sobrevivência dentro de uma sociedade estruturada por normatividades heteronormativas e padrões rigidamente definidos. Dessa forma, a kode se configura não apenas como um espaço de lazer, mas como um locus de resistência política e simbólica, no qual se visibilizam e celebram práticas de vida e estéticas frequentemente marginalizadas em outros contextos sociais.

Figura 6 - Festa Kode



Fonte: WONDERLAND IN RAVE (2023).

Outro evento de grande relevância que tem conquistado o cenário cultural carioca é a festa Lâmina, que se destaca não apenas pela sua proposta musical, mas também pela sua abordagem inovadora e eclética, que atrai um público diverso e aberto à experimentação sonora. A Lâmina é conhecida por ocupar espaços alternativos e inusitados, com uma ênfase especial na região portuária do Rio de Janeiro, onde a festa transforma o ambiente urbano e cria uma atmosfera única. A proposta musical da Lâmina vai além do convencional, explorando sonoridades híbridas e audaciosas que vão desde o *hyper pop*, passando por música eletrônica experimental, até o *techno*, criando uma fusão de ritmos e texturas que desafiam as fronteiras dos gêneros estabelecidos.

A festa é marcada por uma estética futurista e provocadora, em que a inovação e a transgressão se fazem presentes não apenas na música, mas também na decoração, nas performances e nas intervenções artísticas que transformam cada edição em uma experiência sensorial única. As experimentações artísticas que compõem a Lâmina, além de sua proposta estética ousada, dialogam profundamente com discursos de resistência e subversão, refletindo uma postura crítica em relação às convenções sociais.

Figura 7 - Público da Lâmina



Fonte: FACEBOOK. Lâmina (2023).

O coletivo Mariwô, em sua atuação, desempenha um papel de significativa relevância ao promover e organizar eventos que visam a fortalecer a representatividade de artistas negros e LGBTQIA+. Nesse contexto, o coletivo contribui para a ampliação da presença de influências provenientes da diáspora africana, ao mesmo tempo em que estabelece uma conexão entre as identidades contemporâneas e a ancestralidade cultural. As festas promovidas por esse coletivo são caracterizadas por uma proposta de acolhimento, ao passo que criam espaços seguros e inclusivos para a manifestação artística, os quais buscam romper com as dinâmicas excludentes e segregadoras presentes na cidade. Dessa forma, o coletivo reafirma o valor da cultura negra e periférica, colocando-a como um pilar essencial para a construção da identidade alternativa carioca, ao mesmo tempo que fomenta uma reinterpretação do espaço urbano e de suas relações sociais, desafiando as normativas hegemônicas e propondo uma visão plural e diversificada da cultura local.

Por fim, o Baile do Sarongue, realizado desde 2008, se consolida como um evento carnavalesco que ressignifica as práticas tradicionais, promovendo a fusão entre o antigo e o contemporâneo. O evento ocupa locais icônicos do Rio de Janeiro, como o Maracanãzinho e o Museu do Amanhã, criando um espaço de celebração que dialoga com a diversidade cultural e as transformações sociais da cidade. A proposta do baile explora intervenções artísticas e performances que resgatam tradições festivas ao mesmo tempo em que inserem elementos contemporâneos e experimentais.

3.2 Estética Visual e Comportamental

As festas alternativas, como verificado anteriormente, são ambientes que se configuram como espaços de expressão individual e coletiva, onde a moda ultrapassa os limites das tendências convencionais. Essas festas são representações de uma diversidade estética que se conecta com subculturas e movimentos culturais distintos, configurando-se como uma arena para a livre manifestação de estilos que celebram a autenticidade, a criatividade e a ruptura com padrões estabelecidos

As escolhas cromáticas nessas festas tendem a ser uma combinação de tons sóbrios e cores mais vibrantes. Os tons neutros, como preto, cinza e azul marinho,

dominam grande parte dos *looks*, criando uma atmosfera de sofisticação e discrição. No entanto, elementos como cores metálicas e neon surgem como contrastes ousados, proporcionando um jogo visual que enfatiza a individualidade e a originalidade dos participantes. A mistura dessas tonalidades, ao mesmo tempo sóbrias e ousadas, reflete uma estética de equilíbrio entre o clássico e o contemporâneo, sendo fundamental para a construção de uma identidade visual única dentro desses espaços.

Figura 8 - Festa Kode



Fonte: FACEBOOK. Kode Fervo (2023).

Em relação aos tecidos, a diversidade é uma característica marcante. Materiais que variam entre o sintético e o natural, como couro, seda, transparências e tecidos tecnológicos, são amplamente explorados. As transparências, em particular, se destacam, criando camadas de roupas que brincam com a exposição e a sutileza, convidando à experimentação. Esses tecidos e a escolha de paletas com diferentes texturas contribuem para a construção de um visual multifacetado, que transmite a ideia de um futuro estético, ao mesmo tempo em que faz referências ao passado.

As silhuetas apresentadas nos trajés são predominantemente fluidas, mas também incorporam elementos mais estruturados. Peças ajustadas, como roupas de modelagem minimalista, podem ser encontradas ao lado de outras mais amplas, como vestidos longos e jaquetas *oversized*, refletindo a diversidade de influências presentes nessas festas. As formas assimétricas, que brincam com a desconstrução das normas tradicionais de vestuário, são amplamente adotadas, permitindo que os participantes expressem sua individualidade e sua postura contestadora por meio da roupa.

Os acessórios desempenham um papel central na construção da identidade visual dos frequentadores dessas festas. Itens de grande escala, como correntes pesadas, piercings, óculos de sol ousados e tatuagens, tanto temporárias quanto permanentes, são frequentemente usados para complementar o visual e reforçar uma imagem de ousadia e autenticidade. A ideia de personalização é fundamental, sendo comum o uso de acessórios que revelam uma identidade visual única, muitas vezes com uma pegada de *DIY* (faça você mesmo). O uso de peças metálicas, como cintos com tachas, anéis e pulseiras, também é recorrente, trazendo uma estética que remete a subculturas como o *punk* e o gótico.

As tendências observadas nessas festas mostram uma forte conexão com estilos que desafiam as normas convencionais de vestuário. O estilo *rocker*, por exemplo, é evidente através do uso de camisetas de bandas, calças rasgadas e coturnos. Já o estilo *boho* se manifesta com vestidos fluídos, estampas florais e acessórios étnicos. O *grunge* também se faz presente, com o uso de camisas de flanela amarradas na cintura e uma paleta de cores terrosas e apagadas. Elementos do *steampunk*, com seus acessórios metálicos e roupas de inspiração vitoriana, fazem uma fusão do passado com o futuro, incorporando óculos de proteção e relógios de bolso como peças de destaque. A estética alternativa é marcada pela mescla de estilos e pela incorporação de influências de diferentes épocas e culturas.

A estética visual e comportamental nas festas alternativas é moldada por uma gama de subculturas que influenciam diretamente as escolhas de vestuário. Entre essas subculturas, o gótico, o *punk*, o *boho* e o *grunge* se destacam. O estilo gótico é caracterizado pelo uso predominante de preto, maquiagem intensa e peças que remetem a uma estética mística e sombria, como roupas de renda e couro. O *punk*,

por sua vez, se distingue pela atitude rebelde e a utilização de roupas rasgadas, tachas, correntes e cabelos estilizados de maneira ousada.

O *boho*, inspirado na cultura *hippie*, traz para o ambiente as texturas e cores da natureza, com vestidos fluidos, peças com franjas e acessórios étnicos. Já o *grunge*, com sua estética desleixada, incorpora camisas de flanela, jeans rasgados e um uso deliberado de roupas aparentemente "improvisadas", criando uma aparência de desconstrução. Outras influências, como o estilo *steampunk*, são mais específicas, mesclando o *vintage* vitoriano com uma visão futurista, caracterizando-se pelo uso de peças elaboradas com elementos metálicos e complexos, como óculos de proteção e acessórios de engrenagem.

Além dessas subculturas, a presença de estilos como o *indie* e o *Kawaii* também é notável. O estilo *indie* reflete uma busca pela criatividade individual e pela mistura eclética de peças que, muitas vezes, remetem ao *vintage* ou ao artesanal. Já o estilo *Kawaii*, inspirado pela cultura japonesa, aposta em cores vibrantes, estampas fofas e acessórios exagerados, contribuindo para uma estética que celebra a infância e a fantasia.

3.3 Público-Alvo

Este subcapítulo tem como objetivo caracterizar o público-alvo a partir de uma pesquisa empírica de caráter qualitativo, construída através da análise das redes sociais dos coletivos e festas mapeadas, como Kode, Lâmina, Wobble, Inception, entre outras. Essa análise considerou elementos como registros fotográficos, comentários, materiais de divulgação, line-ups, interações do público e postagens gerais nas plataformas digitais.

Além disso, essa investigação foi enriquecida pela vivência da própria autora enquanto frequentadora desses espaços culturais, o que permitiu uma observação ativa e sensível dos perfis presentes, tanto do ponto de vista demográfico quanto estético, comportamental e cultural. Diante da ausência de dados estatísticos oficiais sobre esse recorte, especialmente por se tratar de um grupo inserido em contextos alternativos e não formalizados, a estratégia metodológica adotada se baseou na coleta de informações públicas, disponíveis nas redes, cruzadas com percepções empíricas diretas.

O público-alvo mapeado é composto majoritariamente por jovens entre 21 e 32 anos, com predominância de pessoas da comunidade LGBTQIA+, além de indivíduos que transitam entre expressões de gênero e sexualidade dissidentes. Geograficamente, são majoritariamente residentes das zonas Central e Norte do Rio de Janeiro, além da região metropolitana, o que evidencia uma forte conexão com territórios urbanos marcados pela efervescência cultural, pela diversidade e pela ocupação de espaços periféricos e alternativos. No recorte socioeconômico, observa-se a presença de indivíduos das classes média e média baixa, fortemente envolvidos com a cena cultural alternativa e expressões artísticas urbanas.

Psicograficamente, este grupo compartilha valores como liberdade de expressão, autenticidade, resistência social, subversão de padrões, coletividade e valorização da diversidade. São indivíduos que buscam se distanciar dos modelos culturais tradicionais, consumindo estética, cultura e experiências de maneira intencional, reflexiva e política.

Em relação ao comportamento de consumo, priorizam marcas autorais, moda independente, brechós, upcycling e criações DIY, adotando uma estética que mistura elementos do underground, rave, cyber, fetichismo, punk, gótico e experimental. Culturalmente, preferem festas e eventos que vão além do entretenimento, atuando como espaços de acolhimento, afirmação identitária e celebração da diversidade. Este é um público altamente conectado, com uso intenso de plataformas como Instagram, TikTok, Spotify e Pinterest, tanto para consumir referências estéticas e culturais quanto para fortalecer redes afetivas, criativas e profissionais dentro da cena alternativa.

O público observado nas festas e coletivos mencionados é composto especialmente pela comunidade LGBTQIA+, devido a diversos fatores que envolvem inclusão, representatividade e a busca por espaços de liberdade e expressão autêntica. Muitas dessas festas, como a Kode e a Lâmina, têm como missão a criação de ambientes onde a diversidade de gênero e sexualidade é não só respeitada, mas celebrada. A Kode, por exemplo, foi idealizada pela DJ e produtora Ananda Nobre em 2017, com o propósito de dar visibilidade aos artistas LGBTQIA+ e, ao mesmo tempo, proporcionar uma plataforma para a curadoria feminina e queer. Esse tipo de proposta atrai a comunidade, que frequentemente busca ambientes seguros e acolhedores para a expressão plena de sua identidade.

FIGURA 9 - Regras de convivência festa Kode



Fonte: INSTAGRAM @kodefervo (2024).

A Kode tem como característica a valorização e a visibilidade da comunidade LGBTQIA+, evidenciada pela preferência por DJs e artistas dessa comunidade, como pode ser observado nos cartazes de divulgação. Essa escolha reflete o compromisso do evento em promover um espaço inclusivo e acolhedor, dando destaque a talentos que, muitas vezes, são marginalizados na indústria da música e do entretenimento, além de reforçar a importância de celebrar a diversidade e a liberdade de expressão.

Figura 10 - Line Up Kode



Fonte: INSTAGRAM @kodefervo (2024).

Além disso, festas como a Wobble e a Neblina, que se destacam por sua sonoridade mais experimental e menos convencional, oferecem uma alternativa às grandes festas comerciais, criando espaços de liberdade onde os participantes podem se expressar sem receios de julgamentos. Esse caráter de resistência cultural e a busca por ambientes fora do mainstream fazem com que muitos membros da comunidade LGBTQIA+ se sintam atraídos por esses eventos, que valorizam a diversidade de formas de ser e de viver, permitindo uma vivência autêntica e sem amarras.

Outro ponto importante é que a cena eletrônica, especialmente no Rio de Janeiro, tem sido historicamente um local de encontro para pessoas que buscam escapar das normas sociais e culturais, o que naturalmente inclui a comunidade

LGBTQIA+. Festas como a Inception e a Tilt Techno oferecem uma sonoridade e um ambiente mais alternativo, criando espaços de fuga onde a identidade e a liberdade sexual podem ser exploradas sem preconceitos. A música, como linguagem universal, torna-se um ponto de conexão entre os participantes, que se unem pela energia da pista de dança e pelo desejo de celebrar suas identidades sem discriminação.

Figura 11 - Moodboard do público das festas



Fonte: Compilado da autora, 2025

A Mariwo e a Lâmina, com suas propostas inovadoras e periféricas, também atraem o público LGBTQIA+ devido à sua ênfase em culturas marginalizadas e experimentações sonoras. Essas festas criam um lugar onde a individualidade de cada pessoa é respeitada, permitindo que os frequentadores se sintam livres para ser quem realmente são, longe dos padrões convencionais. A interseção entre a música eletrônica e as questões sociais é um fator que também ressoa com muitos dentro da comunidade, que encontra nessas festas um refúgio para suas expressões artísticas e culturais.

A partir de postagens, comentários, registros fotográficos e materiais de divulgação, foi possível observar um panorama que constrói a fundamentação das produções de moda desenvolvidas ao longo deste projeto.

4 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE *STYLING*

4.1 Pesquisa de Referências e Marcas

A década de 1990 representou um período de intensa efervescência criativa no universo da moda, especialmente no que tange ao *styling* alternativo. Influenciado por movimentos culturais, musicais e sociais, esse segmento consolidou-se como um espaço de experimentação estética e transgressão das normas vigentes. Nesse contexto, estilistas como Vivienne Westwood, Thierry Mugler e Alexandre Herchcovitch desempenharam um papel fundamental na redefinição da moda alternativa, cada um contribuindo com abordagens singulares que desafiaram os padrões convencionais e influenciaram gerações subsequentes.

Vivienne Westwood consolidou-se como uma das principais expoentes da moda alternativa na década de 1990, trazendo para suas coleções elementos oriundos do *punk*, do *new wave* e da estética vitoriana. Nesse período, a estilista reinterpretou a alfaiataria tradicional por meio da incorporação de cortes assimétricos, estampas provocativas e estruturas volumosas, subvertendo os cânones da moda dominante. Suas criações caracterizavam-se por um viés anárquico e irônico, frequentemente permeado por críticas à sociedade e ao consumismo. Além disso, Westwood promoveu um resgate histórico, mesclando referências renascentistas com cortes modernos e ousados, como exemplificado na coleção "Anglomania" (1993), na qual equilibrou irreverência e sofisticação, consolidando sua influência no cenário da moda alternativa (Portela, 2018).

Figura 12 - Desfile "Vivienne Westwood"



Fonte: ELLE JAPAN (2010).

Figura 13 - Anglomania - Vivienne Westwood



Fonte: BEWARE MAG (2020).

Por sua vez, Thierry Mugler destacou-se nos anos 1990 por um estilo marcadamente dramático e escultural, no qual elementos do fetichismo, do futurismo e da estética *cyberpunk* eram explorados em suas criações. Suas coleções dessa década apresentavam ombros estruturados, silhuetas acentuadas e o uso de materiais inovadores, como vinil, couro e metal. Além de suas contribuições para o vestuário, Mugler revolucionou a experiência da moda ao transformar os desfiles em verdadeiros espetáculos performáticos, aproximando-se de uma abordagem quase teatral. Seu impacto estendeu-se para além da passarela, influenciando a cultura *pop* e sendo adotado por artistas como David Bowie e Madonna. A coleção de outono/inverno de 1995, por exemplo, destacou-se pelo caráter extravagante e conceitual, com trajes inspirados em figuras mitológicas, robôs e seres alienígenas, consolidando a estética inovadora do estilista (Castilho, 2020)

Figura 14 - Looks icônicos de Thierry Mugler.



Fonte: ELLE UK (2019).

Figura 15 - Madonna usando Thierry Mugler



Fonte: PINTEREST (2024).

No contexto brasileiro, Alexandre Herchcovitch emergiu como um dos principais nomes da moda alternativa na década de 1990, trazendo uma abordagem experimental que mesclava elementos do *underground*, da cultura clubber e do movimento *punk*. Suas criações distinguiam-se por modelagens desconstruídas, uso de materiais não convencionais e uma forte influência das subculturas urbanas. Herchcovitch também se destacou por suas colaborações com a cena musical e artística, desenvolvendo peças que desafiavam normas de gênero e questionavam os padrões estéticos hegemônicos. Dessa forma, seu trabalho aproximou-se da arte e do design conceitual, consolidando sua relevância no panorama da moda alternativa (Guerra; Figueiredo, 2020).

Figura 16 - estilo de Alexandre Herchcovitch



Fonte: VEJA SÃO PAULO (2023).

Dessa maneira, na década de 1990 revelou-se um período de notável inovação no *styling* da moda alternativa, impulsionado por estilistas que desafiaram convenções e exploraram novas possibilidades estéticas. O legado de Vivienne Westwood, Thierry Mugler e Alexandre Herchcovitch evidencia a importância desse período para a consolidação da moda alternativa como um espaço de resistência cultural e experimentação artística, cujo impacto reverbera até os dias atuais.

Guapa World, Jalaconda e Jaded London são exemplos de marcas que resgatam e interpretam elementos icônicos da moda alternativa, adaptando-os às novas demandas estéticas e culturais. Guapa World, por exemplo, se inspira na rebeldia do *punk* e do *grunge*, características marcantes da década, ao utilizar recortes estratégicos, sobreposições ousadas e tecidos com texturas diferenciadas, com uma abordagem desconstruída e provocativa.

Figura 17 - Guapa World



Fonte: INSTAGRAM @guapaword (2022).

Já a Jalaconda incorpora referências do *streetwear* dos anos 90, incluindo modelagens *oversized*, estampas psicodélicas e a valorização da estética *DIY* (*do it yourself*), muito presente no *underground* da época. A marca também dialoga com o legado da moda clubber e rave, trazendo cores vibrantes e materiais sintéticos que remetem ao futurismo de Mugler.

Figura 18 - Jalaconda



Fonte: INSTAGRAM @jalaconda (2024).

Por sua vez, a Jaded London se destaca por revisitar tendências do *cyberpunk* e da estética *Y2K*, uma evolução da moda alternativa dos anos 90 para os anos 2000. Com peças repletas de cortes assimétricos, tecidos metalizados e

estampas maximalistas, a marca reflete a fusão entre o futurismo experimental e a sensualidade irreverente que marcaram a virada do milênio.

Figura 19 - Jaded London



Fonte: INSTAGRAM @jadedldn (2025).

Assim, essas marcas contemporâneas não apenas homenageiam a moda alternativa, mas também a reinventam, incorporando novas tecnologias têxteis e um olhar contemporâneo sobre identidade e expressão individual.

4.2 Conceito do Editorial

O editorial tem como proposta capturar visualmente o momento anterior e posterior à festa, quando o excesso cede espaço à quietude, e os corpos atravessam um estado de suspensão entre euforia e ressaca. Trata-se de uma narrativa visual sobre o intervalo liminar entre o delírio e a realidade, em que as personagens permanecem vestidas de intensidade, mas já deslocadas do contexto que as legitimava. É o espaço-tempo onde o brilho se mistura ao cansaço, e o *glamour* parece deslocado frente à crueza do ambiente.

O conceito parte da ideia de colapso e transformação: o fim da festa é também o começo de outra coisa — mais silenciosa, íntima e melancólica. O editorial explora esse estado de transição com uma linguagem que flerta com o improvisado e o documental, mas ainda carrega um senso de encenação sofisticada. O *acting* das modelos reforça essa tensão, encarnando personagens que oscilam entre a vulnerabilidade e a resistência, como figuras que insistem em continuar performando mesmo após o fim da festa.

Visualmente, a produção aposta em contrastes: produções de moda elaboradas inseridas em cenários urbanos ásperos, iluminação dura e uso de flash direto, tudo para reforçar a sensação de deslocamento. A beleza não é polida — ela emerge da fricção entre o artificial e o bruto, entre o corpo adornado e o ambiente exausto.

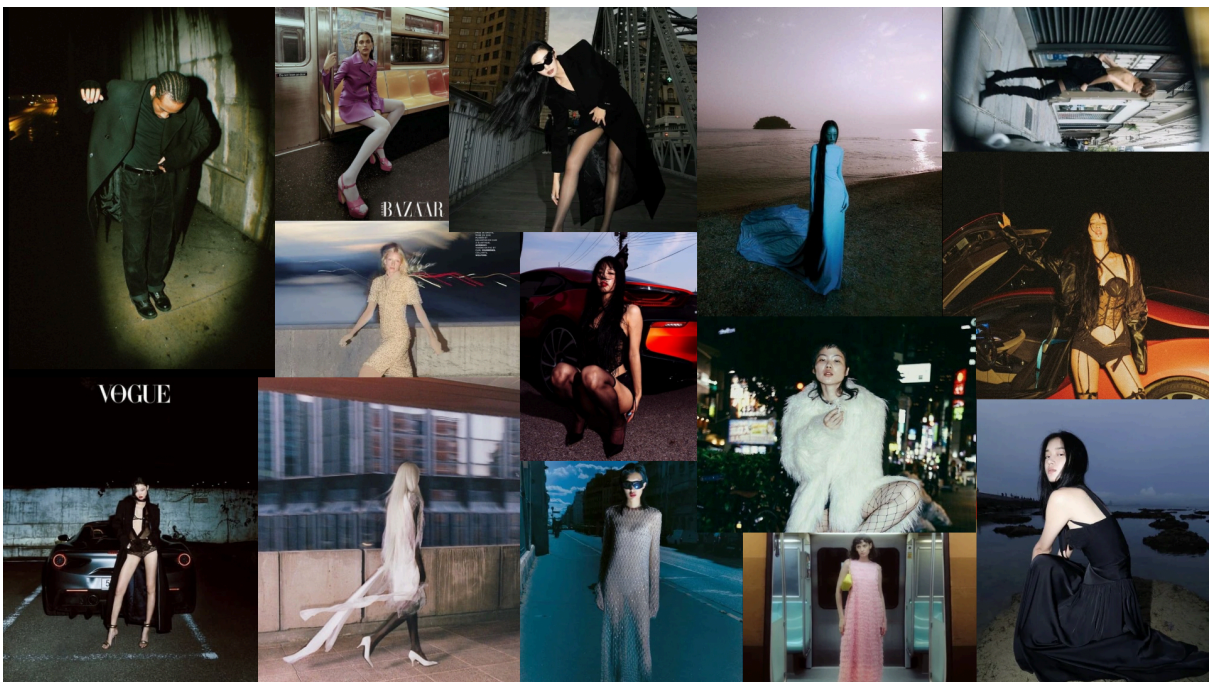
4.3 Moodboard

Dentro do editorial, objetivo focal deste projeto, que tem como temática central escolhida trazer visibilidade para essa comunidade alternativa, será feito um projeto de produção de moda e *styling*, incorporando toda a essência, cultura e relevância que a cena *underground* carrega em sua história, trazendo elementos e vestimentas que se conectam com o tema.

O início do processo contou com o desenvolvimento de um *moodboard* referencial, elaborado com as ideias para a criação de uma base de referências para montagem dos *looks*. As imagens selecionadas carregam um mix de *lifestyle*, tendências, elementos importantes, formas, cores, texturas, peças e propostas a serem seguidas.

reproduzidos com os recursos disponíveis, considerando aspectos como iluminação, enquadramento, direção de arte e ambientação. Dessa forma, o novo referencial serviu como base para a construção de um imaginário visual mais sólido, alinhado tanto às possibilidades práticas de execução quanto à coerência estética do projeto

Figura 21 - Painel imagético contendo referências de editoriais



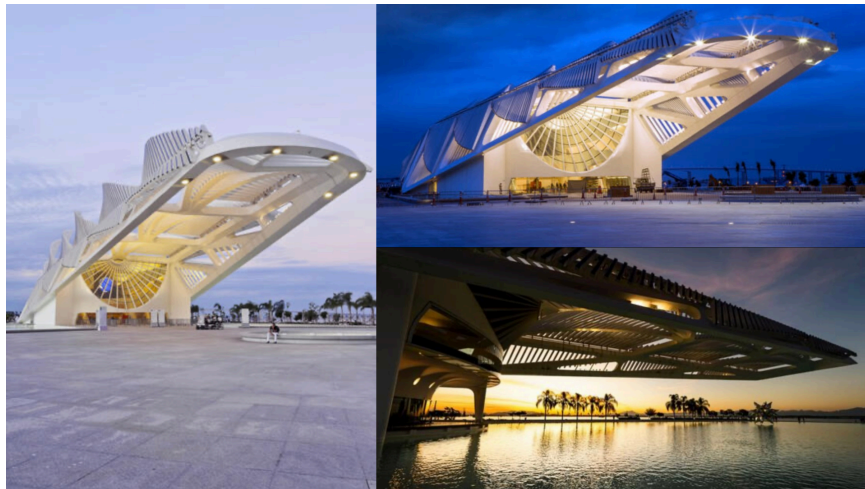
Fonte: Compilado da autora, 2025

Assim, por meio deste painel, foi possível reunir uma diversidade de estímulos visuais que abrangem poses, *acting* e *crops* capazes de comunicar de forma consistente a linguagem visual que será adotada no desenvolvimento do projeto. A curadoria dessas imagens teve como objetivo estruturar um direcionamento estético claro, que orientasse não apenas a composição e a direção de cena, mas também a construção de uma narrativa visual coerente com os conceitos previamente definidos. Este painel também assume um papel estratégico na definição dos *looks* a serem utilizados, uma vez que reúne um repertório visual robusto de referências de *styling* e produção de moda. Esses elementos servirão como base para reinterpretações criativas, sendo adaptados às particularidades do editorial, de forma a manter o alinhamento estético e a viabilidade prática durante a execução das etapas de produção

4.5 Locações

A primeira locação escolhida foi a região central do Rio de Janeiro, nos arredores do Museu do Amanhã. Com sua arquitetura contemporânea, marcada por formas futuristas, grandes planos de concreto e a proximidade com a Baía de Guanabara, o local oferece um cenário liminar — situado entre o urbano e o desabitado. Trata-se de um espaço de transição, permeado pelo silêncio das primeiras horas do dia, que simboliza visualmente o fim da noite e o início de um novo ciclo. Essa ambiência contribui para a construção de uma atmosfera contemplativa, reforçando o sentimento de deslocamento, isolamento e introspecção que permeia o conceito central do editorial. A paisagem, com sua escala monumental e suas linhas limpas, estabelece um diálogo direto com a estética proposta, funcionando como extensão sensível da narrativa imagética desenvolvida.

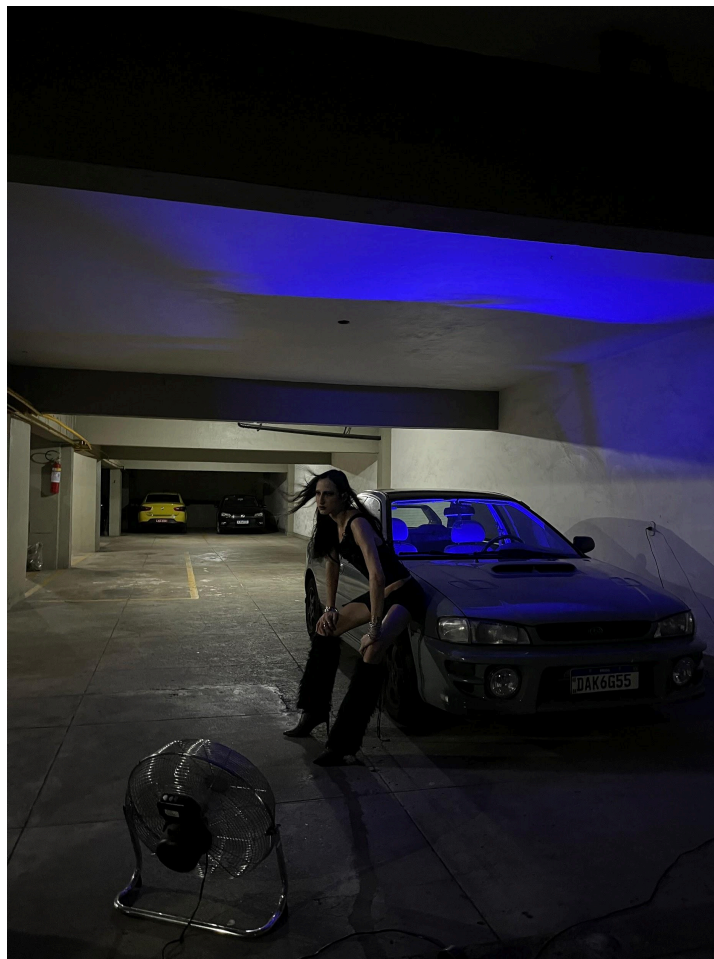
Figura 22 - Painel imagético referências da locação



Fonte: Compilado da autora, 2025

Para a segunda locação, foi utilizado o estacionamento do prédio de um amigo, que gentilmente cedeu o espaço para a realização do editorial. A escolha desse ambiente partiu do interesse da autora em explorar um cenário que evocasse uma atmosfera mais utópica, alinhada à proposta estética do projeto. A locação foi selecionada estrategicamente por suas características visuais e espaciais, que possibilitam composições simbólicas e contribuem para a construção da linguagem imagética pretendida.

Figura 23 - Imagem da garagem utilizada



Fonte: imagem da autora, 2025

4.6 Elemento cênico – Subaru GL 2000

Como parte da narrativa visual, será incorporado ao cenário um automóvel Subaru GL 2000. O carro funciona como extensão simbólica do pré-festa: ele carrega vestígios do que acontecerá, atua como espaço de espera, fuga ou refúgio. Sua estética marcante, com traços que remetem ao início dos anos 2000 e ao universo *street/underground*, traz uma camada de ficção e temporalidade à cena.

Ele insere o editorial em um universo mais cinematográfico, onde as personagens parecem capturadas em um recorte de roteiro — prestes a partir, ou talvez perdidas entre um lugar e outro.

Figura 24 - Imagem Subaru GL2000



Fonte: Instagram, 2025

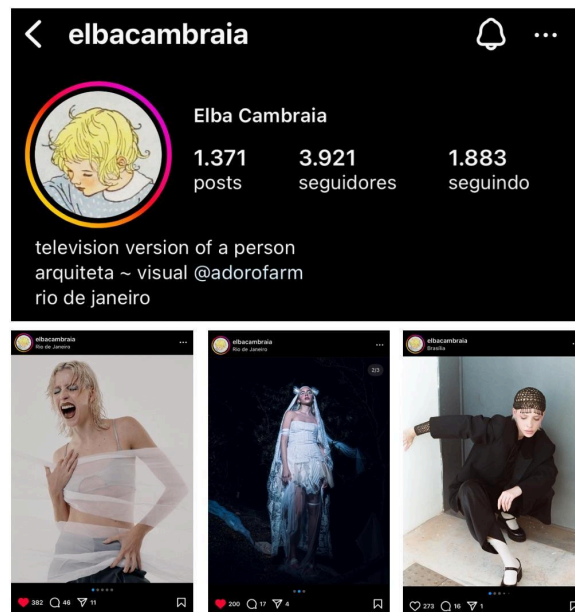
Com isso, o automóvel deixa de ser apenas um elemento de cena e passa a integrar a linguagem visual como símbolo narrativo e afetivo. Sua presença estabelece pontes entre passado e presente, movimento e estagnação, reforçando a sensação de transitoriedade que permeia todo o editorial. Ao articular cenografia, figurino e direção de arte em torno desse ponto de ancoragem simbólica, o projeto se insere em um universo híbrido — onde moda, memória e ficção se entrelaçam para construir uma narrativa visual coesa, melancólica e carregada de significados.

4.7 Casting

Para a definição do *casting*, foram selecionadas pessoas que apresentassem afinidade com a proposta estética do projeto, além de possuírem experiência prévia como modelos, o que contribui significativamente para a fluidez e assertividade no momento da execução. Nesse sentido, optou-se por convidar colaboradores próximos, cujas presenças agregassem autenticidade à narrativa visual e permitissem maior liberdade criativa nas dinâmicas de *shooting*. Assim, Elba

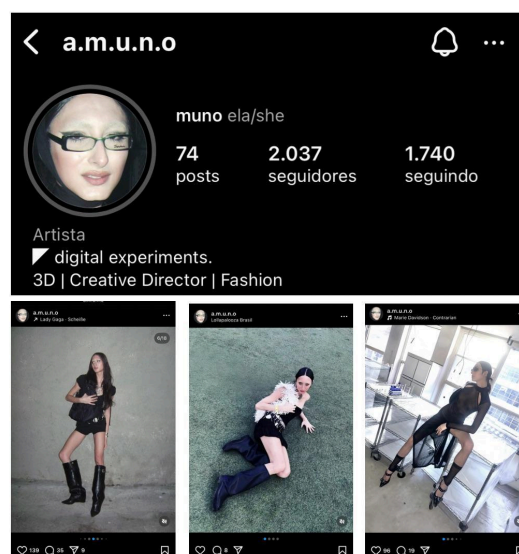
Cambráia, Bruna Sotti e Matheus Robert foram escolhidos como integrantes do *casting*, atuando como sujeitos visuais das produções de moda concebidas especialmente para o editorial.

Figura 25 - Rede social Elba Cambráia



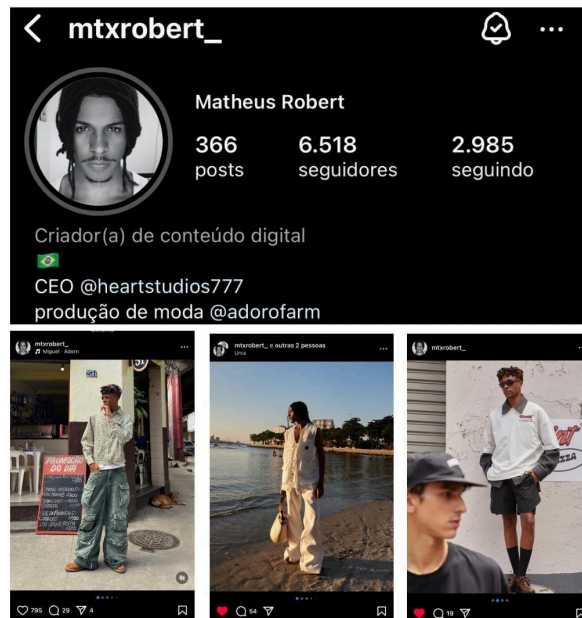
Fonte: Compilado da autora, 2025

Figura 26 - Rede social Bruna Sotti



Fonte: Compilado da autora, 2025

Figura 27- Rede social Matheus Robert

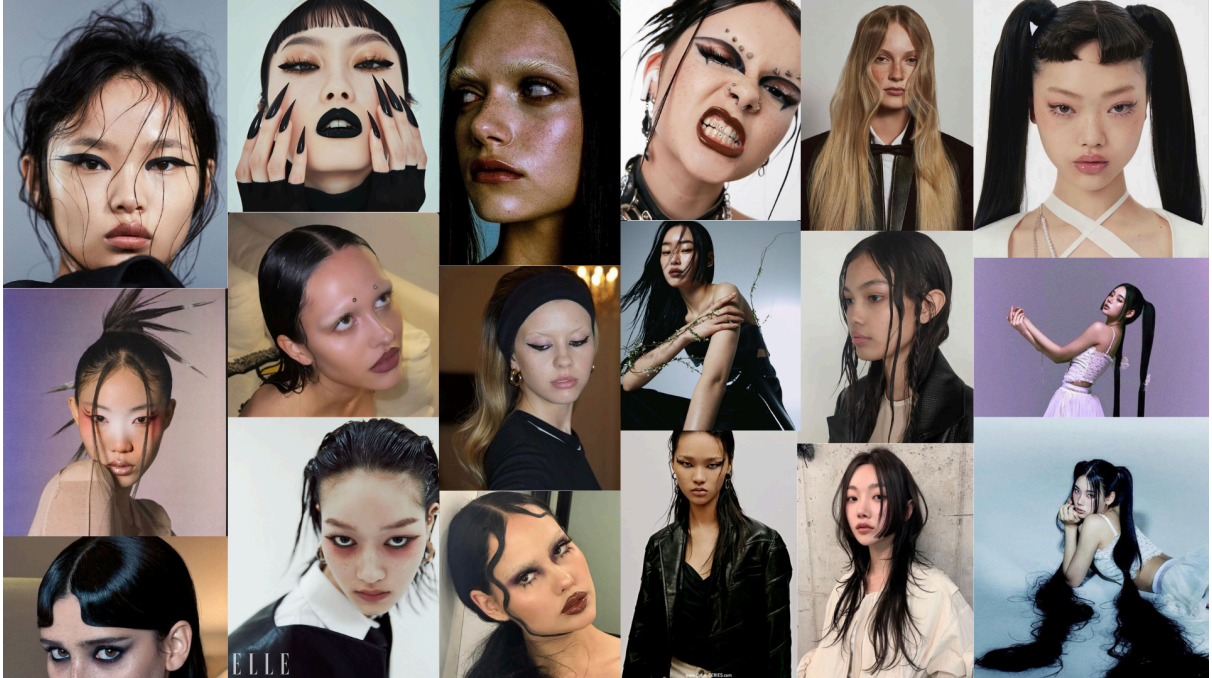


Fonte: Compilado da autora, 2025

4.8 Beleza

Para a construção da proposta de *beauty* no editorial, foram desenvolvidos dois novos painéis referenciais: um voltado para a estética das modelos femininas e outro direcionado à composição visual do modelo masculino. O primeiro painel foi elaborado a partir da curadoria de referências que dialogam com tendências contemporâneas de *beauty* observadas em desfiles internacionais e editoriais de moda atuais. No entanto, buscou-se também incorporar elementos característicos do universo *underground*, como o olho preto esfumado, delineados gráficos, *messy hair*, efeito de *wet hair*, entre outros recursos visuais. Essa fusão entre o contemporâneo e o subversivo tem como objetivo enriquecer a construção estética do editorial, conferindo-lhe uma identidade híbrida, sensível às linguagens emergentes da moda e ao mesmo tempo enraizada em códigos visuais alternativos.

Figura 28 - Painel imagético beleza do editorial



Fonte: Compilado da autora, 2025

No que tange à beleza do Robert, houve a preocupação de evitar representações estereotipadas masculinas relacionadas ao uso de maquiagem. Para isso, optei por incorporar elementos mais sutis, que, mesmo assim, fossem capazes de expressar a essência conceitual do projeto. Entre esses recursos estão o uso do *black smudged eye*, lápis de olho aplicado de forma discreta, uma pele com acabamento luminoso por meio de iluminadores e penteados alinhados, que conferem sofisticação sem perder a naturalidade. Essa abordagem visa construir uma imagem masculina contemporânea e autêntica, que dialogue com a estética do editorial sem reforçar clichês convencionais

Figura 29- Painel imagético beleza do editorial



Fonte: Compilado da autora, 2025

4.9 Looks Selecionados

A seleção dos *looks* para o editorial seguiu um processo criterioso, pautado na busca pela coesão estética e na potencialidade de cada produção de moda em traduzir e reforçar os conceitos centrais do projeto. Consideraram-se aspectos como a harmonização com o *styling*, a direção de arte, as locações escolhidas e a proposta de *beauty*, garantindo que cada peça contribuísse para a construção de uma narrativa visual sólida e expressiva. Os *looks* selecionados foram pensados para dialogar entre si e com o universo imagético do editorial, permitindo a criação de cenas que comunicam de forma clara e impactante as temáticas abordadas, ao mesmo tempo em que proporcionam flexibilidade para experimentações criativas durante o *shooting*.

Figura 30 - Look 1



Fonte: imagem da autora, 2025

Neste *look* (figura 29), buscou-se incorporar elementos característicos da estética previamente analisada, valorizando a assimetria e a sobreposição. Para a parte superior, foi criada uma amarração assimétrica utilizando uma blusa de manga longa, que simulasse um top de um ombro só, conferindo um efeito moderno e dinâmico. Sobre essa base, foi adicionado um corset que realça e define a silhueta. Na parte inferior, optou-se por uma micro saia, que contrasta com a estrutura da parte superior, promovendo equilíbrio visual. Nos pés, complementamos o *styling* com polainas de pelos sobre botas, junto a acessórios prateados, que adicionam textura e um toque de sofisticação ao conjunto.

Figura 31 - Look 2



Fonte: imagem da autora, 2025

Neste *look* (figura 30), a proposta foi explorar sobreposições inusitadas, desafiando convenções tradicionais de *styling*. Para a parte superior, utilizou-se uma blusa de renda branca, sobreposta por um biquíni, criando um contraste interessante entre a delicadeza da renda e a atitude do beachwear. Na parte inferior, a composição combinou meia-calça com vazados, sobreposta por um micro short, evidenciando texturas e volumes distintos. Nos pés, o *styling* contou com salto fino acompanhado de meia branca, reforçando o contraste cromático e estilístico. Como complementos, uma bolsinha em formato de coração posicionada na cintura e pulseiras maximalistas adicionam um toque lúdico e contemporâneo, enriquecendo a narrativa visual do conjunto.

Figura 32 - Look 3



Fonte: imagem da autora, 2025

No *look* da figura 31, destaca-se a utilização de materiais em couro, evidentes no top e nas polainas aplicadas sobre sandálias, conferindo uma textura robusta e contemporânea à composição. Na parte inferior, a sobreposição de uma camisola rendada com um casaco multifuncional — que se transforma em uma saia volumosa por meio de uma amarração lateral — agrega dinamismo e volume ao conjunto. Quanto aos acessórios, a incorporação de correntes no pescoço foi uma escolha estratégica para equilibrar visualmente o colo, adicionando peso e um toque de atitude ao *styling*.

Figura 33 - *Look 4*



Fonte: imagem da autora, 2025

Novamente, explorou-se sobreposições não convencionais, desta vez aplicadas a peças de estética mais *streetwear*. Para a parte superior, utilizou-se uma camisa *oversized*, sobreposta por um top assimétrico, promovendo um jogo de proporções e volumes. Na parte inferior, a criação de um cóis duplo foi obtida por meio da combinação de duas bermudas distintas — uma em jeans e outra de estilo esportivo — gerando um efeito de *layering* inovador. Para equilibrar essa composição urbana, foram incorporados elementos de inspiração mais romântica, como rendas delicadas e polainas, que adicionam textura e um contraponto sutil ao conjunto, enriquecendo a diversidade visual do *look* (figura 32)

Figura 34- Look 5



Fonte: imagem da autora, 2025

Para este visual (figura 33), a proposta foi desenvolver uma produção com apelo um pouco mais comercial, porém mantendo a presença marcante de elementos da cultura alternativa. Nesse sentido, foi criado um mix têxtil para a blusa a partir da sobreposição de dois coletes, ambos confeccionados com tramas que apresentam pontos brilhosos, agregando textura e interesse visual. Na parte inferior, optou-se por uma calça de modelagem ampla, que proporciona conforto e volume ao conjunto. Para conferir maior peso e estrutura ao *styling*, foram incorporados cintos robustos, que também atuam como elementos de contraste. Os acessórios complementares incluem correntes no pescoço, uma bolsa transversal funcional, uma boina estilizada e óculos sem lentes, todos contribuindo para reforçar a identidade alternativa e contemporânea da produção.

Figura 35 - Look 6



Fonte: imagem da autora, 2025

Este *look* (figura 34) acabou se consolidando como a peça principal do editorial, pois sintetiza e reinterpreta diversos elementos presentes nos outros visuais, como a assimetria, o uso marcante do couro e as sobreposições criativas. Pensado para causar impacto e enfatizar o caráter dramático durante as fotografias, o *styling* é cuidadosamente estruturado para transmitir dinamismo e expressividade. A composição inclui um cinto adaptado como top, posicionado no torso, sobre o qual foi adicionada uma blusa com faixas originalmente concebidas para amarrações. Contudo, a autora optou por deixar essas faixas soltas, proporcionando um efeito de movimento fluido e orgânico que dialoga com a linguagem visual do projeto. Complementando a assimetria intencional, uma meia-calça foi utilizada apenas em uma perna, conferindo um contraste visual e textual que reforça a proposta estética. Além disso, o *look* foi enriquecido com uma seleção diversificada de acessórios, que contribuem para a construção de uma imagem coesa, sofisticada e carregada de significado, tornando-o o ápice narrativo e visual do editorial.

Os *looks* selecionados foram reunidos em uma colagem visual, criada com o objetivo de proporcionar uma percepção integrada e facilitada da composição estética do editorial como um todo. Essa ferramenta permitiu não apenas uma visualização mais clara e organizada das propostas de *styling*, mas também possibilitou uma análise crítica acerca da coerência e da conexão entre as peças, avaliando se elas dialogavam de maneira harmoniosa e consistente dentro do universo conceitual estabelecido. A colagem funcionou, portanto, como um recurso estratégico para garantir a unidade narrativa e estilística do projeto, identificando eventuais ajustes necessários antes da execução final.

É importante destacar que todas as peças apresentadas na colagem pertencem ao acervo pessoal da autora e de alguns colaboradores próximos, que contribuíram voluntariamente para a realização do editorial. Essa escolha não apenas reforça o caráter intimista e autoral do projeto, mas também evidencia um processo sustentável e colaborativo, onde o reaproveitamento e a curadoria cuidadosa de itens já existentes assumem um papel central na construção do storytelling visual. Assim, o editorial ganha uma dimensão mais autêntica e personalizada, refletindo não só as referências estéticas pretendidas, mas também as trajetórias e identidades daqueles que diretamente participaram de sua concretização.

Figura 36- Looks reunidos



Fonte: imagem da autora, 2025

Os *looks* apresentados compõem um conjunto alinhado com a estética do editorial, incorporando elementos como assimetria, sobreposições e referências à cultura alternativa. A seleção das peças e acessórios foi pensada para atender à proposta visual do projeto, garantindo unidade e coerência ao conjunto. Dessa forma, os *looks* funcionam como parte integrante da construção da narrativa do editorial.

5 O EDITORIAL

5.1 Pré Festa







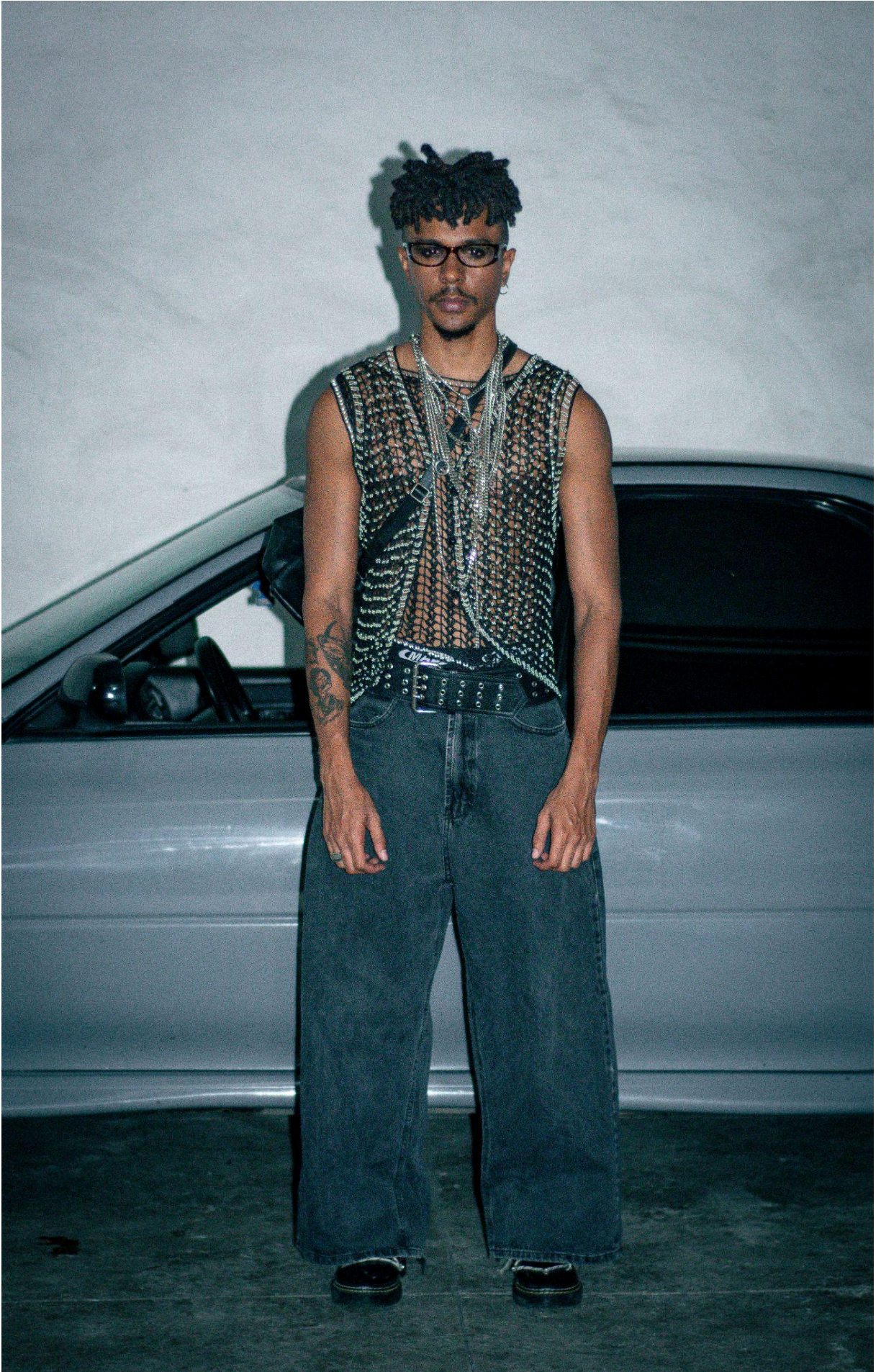
















5.2 Pós Festa

















5.3 Ficha Técnica

Apresenta-se, a seguir, a Ficha Técnica do editorial de moda, cuja finalidade é registrar, de maneira sistemática e transparente, os profissionais, as funções exercidas e os recursos mobilizados ao longo de sua produção. Trata-se de um elemento essencial para a compreensão da complexidade e da interdisciplinaridade que caracteriza esse tipo de proposta estética e comunicacional.

A Ficha Técnica não apenas identifica os responsáveis pelas diversas etapas do processo — como direção criativa, fotografia, *styling*, maquiagem, produção e modelagem —, mas também desempenha um papel relevante na valorização das práticas colaborativas, funcionando como uma forma de reconhecimento público e institucional das contribuições individuais e coletivas. Ao documentar detalhadamente os envolvidos, esse instrumento reafirma o compromisso com a integridade do projeto e com a legitimidade da autoria, aspectos centrais em produções de cunho artístico e cultural.

Importa salientar que tanto a equipe responsável quanto a estrutura física utilizada para a realização deste editorial atuaram de forma inteiramente voluntária. A ausência de vínculos contratuais remunerados não comprometeu, em nenhum momento, o rigor técnico ou a qualidade estética da produção. Pelo contrário, a adesão espontânea dos colaboradores demonstra o grau de envolvimento, pertencimento e confiança na proposta editorial, cuja potência simbólica e criativa foi capaz de mobilizar profissionais de diferentes áreas em torno de um objetivo comum.

Tabela 1 - Ficha Técnica do Editorial

Função	Nome(s)
Direção Criativa	Rapha Fernandes
Fotografia	Lavinia Lapa, Daniel Medeiros
Tratamento de Imagem	Lavinia Lapa
Produção de Moda / Styling	Rapha Fernandes, Lea Maria
Beleza	Luiza Gama
Modelos	Bruna Sotti, Elba Cambraia, Matheus Robert
Carro	Toti, Carolina Fabbriani
Segurança	Araújo

elaborado pela autora (2025)

Esta ficha revela o cuidado, o envolvimento e a confiança de todos os profissionais que acreditaram na proposta deste editorial. Através do trabalho voluntário e o esforço coletivo, reconhece-se que a moda aqui não é apenas produto visual, mas também resultado de uma construção conjunta, feita com propósito, sensibilidade e troca. Valorizar esse processo é essencial para compreender a verdadeira dimensão do que foi realizado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão deste trabalho, evidencia-se o empenho em explorar e consolidar uma linguagem visual contemporânea que dialoga diretamente com a estética da cultura alternativa, por meio do uso de elementos como a assimetria, as sobreposições e a diversidade de texturas. Ao reunir referências visuais variadas e ao experimentar com materiais e técnicas diversas, o projeto propõe uma abordagem inovadora e plural, que transcende padrões tradicionais do editorial de moda, abrindo espaço para uma nova perspectiva que valoriza a expressão individual e a autenticidade.

Conforme destacado por Ambrose e Harris (2011, p. 28), “a capacidade de aprender com cada etapa aprimora o desenvolvimento do design thinking e ajuda a gerar designs radicais e de sucesso”. Esse princípio orientou todo o processo criativo do projeto, no qual a pesquisa, a experimentação e os testes atuaram como etapas essenciais para identificar as soluções estéticas mais adequadas e coerentes. Dessa forma, foi possível construir composições visuais que apresentam unidade, mas que ao mesmo tempo preservam a diversidade e a complexidade inerentes à proposta conceitual do editorial.

O desenvolvimento do editorial refletiu a necessidade de ampliar o repertório visual dentro do universo da moda contemporânea, especialmente na construção de narrativas que dialogam com públicos que buscam originalidade e identidade própria. A incorporação de elementos urbanos, a exploração de contrastes entre materiais e texturas, assim como a referência a sub culturas e estéticas *underground*, reforçam a ideia de um estilo híbrido e atual, que está em constante transformação e experimentação.

Além disso, o trabalho demonstra a importância do processo criativo como um espaço de constante aprendizado, no qual a reflexão crítica e a adaptação às descobertas feitas em cada etapa são fundamentais para a evolução do projeto. A construção dos looks, a escolha das locações, a definição dos elementos de beleza e os recursos narrativos empregados mostram a articulação entre técnica e conceito, evidenciando o potencial do design visual como ferramenta de comunicação e de construção de significado.

Por fim, este editorial não apenas representa uma identidade visual singular, mas também contribui para ampliar as fronteiras do discurso estético no campo da moda editorial contemporânea, promovendo uma reflexão sobre os limites e as possibilidades da imagem como meio de expressão cultural. O resultado alcançado reafirma a relevância da experimentação, da interdisciplinaridade e do pensamento crítico no desenvolvimento de projetos visuais que pretendem dialogar com o presente e inspirar novas abordagens para o futuro.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana. **A estética cibergótica na internet: música e sociabilidade na comunicação do MySpace**. Comunicação, Mídia e Consumo, v. 3, n. 9, p. 87-103, 2007.
- AMARAL, Adriana. **Cybersubculturas e cybercenas: explorações iniciais das práticas**. Revista Famecos, v. 14, n. 33, p. 21-28, 2007.
- AMARAL, Adriana. **Visões perigosas: para uma genealogia do cyberpunk**. In: E-Compós, 2006.
- AMARAL, Adriana; BARBOSA, Camila; POLIVANOV, Beatriz. **Subculturas, re (a) apresentação e autoironia em sites de rede social: o caso da fanpage “Gótica Desanimada” no Facebook**. Lumina, v. 9, n. 2, 2015.
- AZEVEDO, Eunice. **O novo "culto underground" – um estudo antropológico-social da "cultura" rave em Portugal**. Antropológicas, edição especial, p. 87-92, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CAETANO, Stella Mendonça. **Indumentária, pertencimento e diferenciação: o papel das roupas na construção de uma identidade coletiva gótica**. Revista Ensaios, p. 176-192, 2020.
- CAMPOS, Aline Fortes; BRANDT, Vitória da Silva. **Estética gótica: uma busca pela inserção dos adeptos da subcultura com a sociedade por meio do vestuário**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.
- CARVALHO, Guilherme; NUNES, Máira. **Underground e ciberespaço: uma leitura atual para estudos da comunicação**. Revista Uninter de Comunicação, v. 2, n. 3, p. 201-216, 2014.
- CRANE, Diane. **The production of culture**. London: Sage, 1992.
- GAIMAN, Neil. **Sandman: prelúdios e noturnos**. São Paulo: Panini, 2010.
- GUERRA, Paula; FIGUEIREDO, Daniel. **Moda e identidade: a influência dos estilistas na cultura contemporânea**. Revista ModaPalavra, v. 13, n. 29, 2020.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart; SILVA, T.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEISE-VON DER LIPPE, Anya. **Techno-terrors and the emergence of cyber-gothic**. In: *The Gothic and Theory*, p. 182-200, 2019.

HOUSEMAG. **9 coletivos alternativos do Rio de Janeiro que movimentam a cena eletrônica carioca**. HouseMag, 2023. Disponível em: <<https://www.housemag.com.br/9-coletivos-alternativos-do-rio-de-janeiro-que-movimentam-a-cena-eletronica-carioca/>>. Acesso em: 19 maio 2025.

INSTAGRAM. **Perfil de @kodefervo**. Instagram, 2024. Disponível em: <<https://www.instagram.com/kodefervo/>>. Acesso em: 19 maio 2025.

INSTAGRAM. **Publicação de @kodefervo (reels)**. Instagram, 2024. Disponível em: <<https://www.instagram.com/kodefervo/reels/>>. Acesso em: 19 maio 2025.

INSTAGRAM. **Publicação de @kodefervo**. Instagram, 2022. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cg5VFUJLuvN/?igsh=YWgyM3I3MnAxaTZi>>. Acesso em: 19 maio 2025.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder Silveira; CARDOSO FILHO, Jorge. **A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática**. In: INTERCOM – XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.

KIPPER, Anelise. **Moda e cultura gótica: análise da simbologia no vestuário**. *Revista de Moda*, v. 5, n. 2, p. 45-58, 2008.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MOURA, Larissa Leal. **Moda como expressão de identidade no mundo contemporâneo**. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

OLIVEIRA, Karla Fernanda Passoni de. **A estética gótica e sua influência no vestuário**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

OSTERNO, Bruna. **A simbologia da cor preta na subcultura gótica**. *Revista Comunicação e Sociedade*, v. 4, n. 1, p. 102-115, 2013.

PINTEREST. **Imagem de referência visual**. Pinterest, 2024. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/244249979770293104/>>. Acesso em: 19 maio 2025.

POE, Edgar Allan. **Contos de imaginação e mistério**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

POPPY Z. BRITE. **Lost Souls**. New York: Dell Publishing, 1992.

SOARES, Manuel Pereira. **O gótico também é feminino: igualdade de gênero numa subcultura musical**. In: Forum Sociológico. Série II. CESNOVA, 2021. p. 15-23.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

VEJA SP. **Alexandre Herchcovitch e Colcci mostram peças semelhantes às de estilistas internacionais**. Veja São Paulo, 2024. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/coluna/terraco-paulistano/alexandre-herchcovitch-e-colcci-mostram-pecas-semelhantes-as-de-estilistas-internacionais/>>. Acesso em: 19 maio 2025.

WONDERLAND IN RAVE. **Kode realiza 2ª edição do ano neste sábado no Rio**. Wonderland in Rave, 2023. Disponível em: <<https://wonderlandinrave.com/kode-realiza-2a-edicao-do-ano-neste-sabado-no-rio/>>. Acesso em: 19 maio 2025.

ZHOU, Mo. **Exploring the intersection of subcultures and gender diversity: using gothic style as an example**. In: SHS Web of Conferences. EDP Sciences, 2024. p. 02004.